

**JABEZ GABRIEL**

**EXPERIÊNCIA COM A AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA  
ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA CACIQUE ARMANDO  
GABRIEL, ALDEIA CÓRREGO DO MEIO, MUNICÍPIO DE  
SIDROLÂNDIA, MATO GROSSO DO SUL**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB)**

**CAMPO GRANDE (MS)**

**FEVEREIRO / 2020**

**JABEZ GABRIEL**

**EXPERIÊNCIA COM A AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA  
ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA CACIQUE ARMANDO  
GABRIEL, ALDEIA CÓRREGO DO MEIO, MUNICÍPIO DE  
SIDROLÂNDIA, MATO GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

**Área de Concentração:** Educação

**Linha de Pesquisa:** Diversidade Cultural e Educação Indígena

**Orientador:** Prof. Dr. Heitor Queiroz de Medeiros

**Co-orientador:** Prof. Dr. Antonio Carlos Seizer da Silva

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB)**

**CAMPO GRANDE (MS)**

**FEVEREIRO – 2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade Católica Dom Bosco  
Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1 3360

G118e Gabriel, Jabez

Experiência com a ação Saberes Indígenas na escola municipal indígena Cacique Armando, Aldeia Córrego do Meio, município de Sidrolândia, Mato Grosso do Sul/ Jabez Gabriel sob orientação do prof. Dr. Heitor Queiroz de Medeiros e coorientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Seizer da Silva

81 p.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, Ano 2020

Bibliografia: p.77-81

1. Educação indígena - Mato Grosso do Sul. 2. Educação indígena - Formação de professores. 3. Etnias indígenas - Políticas educacionais I. Medeiros, Heitor Queiroz de. II. Silva, Antonio Carlos Seizer da. III. Título.

CDD: 371.970098171

**EXPERIÊNCIA COM A AÇÃO SABERES INDIGENAS NA ESCOLA  
MUNICIPAL INDÍGENA CACIQUE ARMANDO GABRIEL, ALDEIA  
CÓRREGO DO MEIO, MUNICÍPIO DE SIDROLÂNDIA, MATO GROSSO  
DO SUL**

**JABEZ GABRIEL**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Heitor Queiroz de Medeiros (PPGE/UCDB) Orientador



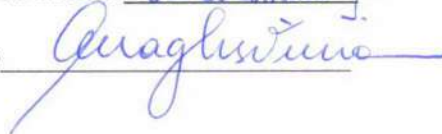
Prof. Dr. Antonio Carlos Seizer da Silva (CEFPI-MS/SED-MS) (Coorientador)



Profª. Drª. Noemia dos Santos Pereira Moura (PPGAnt/UFGD) Examinadora Externa



Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira (PPGE/UCDB) Examinador Interno



Campo Grande - MS, 27 de fevereiro de 2020.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO/ DOUTORADO**

## DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus grandes mestres Terena: meu avô Armando Gabriel (*In memoriam*), minha avó Teadora Sol Gabriel (*In Memoriam*), meus pais Evilásio Gabriel e Maria de Fátima Clementino Gabriel e meu sogro Severo Vitorino (*In Memoriam*) e minha sogra Martina Delfino (*In Memoriam*). A minha companheira e amiga de todas as horas e grande amor da minha vida, minha esposa Rozilene Vitorino Gabriel!

Aos meus filhos Wesley Vitorino Gabriel e Wendler Vitorino Gabriel que resplandece o amor!

Aos meus netos: Thomas Antony da Silva Gabriel, Arthur Kauê Duarte Gabriel e Allana Vitória Alcântara Gabriel que refletem carinhos e dedicações.

Ao meu irmão Oziel Gabriel, assassinado na luta pela retomada dos territórios tradicionais! Oziel vive!

## **AGRADECIMENTOS**

À DEUS, autor da vida, pela proteção e autor da minha fé.

Aos meus avós, Armando Gabriel (in memoriam) e Teodora Sol (in memoriam), que na minha infância me ensinou os saberes indígenas do povo Terena.

Aos meus pais: Evilásio Gabriel e Maria de Fátima Clementino, que foram instrumentos de Deus nas suas orações.

À minha esposa Rozilene Vitorino Delfino Gabriel; Aos meus filhos: Wesley Vitorino Gabriel e Wendler Vitorino Gabriel, que souberam compreender a minha ausência e que foram fundamentais no encorajamento nas trilhas do conhecimento.

Aos meus netos: Thomas Antony da Silva Gabriel, Arthur Kauê Duarte Gabriel e Allana Vitória Alcântara Gabriel.

Às minhas noras: Micheli Duarte Jorge e Bruna Alcântara Gabriel.

Aos meus irmãos, Elizur Gabriel, Otoniel Gabriel, Zia Gabriel, Jesiel Gabriel, Oziel Gabriel (in memoriam), Deones Gabriel e Jesilaine Fátima Gabriel que proporcionaram o apoio.

Aos meus cunhados, professor Dionísio Delfino Vitorino e Fernandes Vitorino pela gentileza no apoio do transporte.

A UCDB e ao Programa de Pós-Graduação em Educação pela oportunidade de realizar esse mestrado tão importante para mim.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Heitor Queiros de Medeiros, pela sua capacidade e habilidade em conduzir, através de suas orientações, o trabalho de um indígena Terena. Pela paciência e dedicação durante as orientações e que sempre estará no rol dos personagens que me ensinaram a sobressair nos desafios rumo as conquistas.

Ao coordenador do Programa do PPGE/UCDB, Professor Dr. José Licínio Backes que muito me auxiliou durante o estudo no Programa de Pós-Graduação.

À professora Dra. Adir Casaro Nascimento pelo incentivo em não desistir do Mestrado e de contribuir na minha formação.

Ao corpo docente do Programa em Educação/PPGE/UCDB, pelos ensinamentos que puderam me proporcionar reflexões durante os estudos.

Aos professores Jader Gabriel Campos, Lourenço Rodrigues Mamedes, Samuel Dias, Jader Gabriel Campos que contribuíram com a minha pesquisa.

Aos alunos da Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel que muito me ensinou os Saberes Indígenas.

Ao professor Ener Vitorino, Diretor da Escola Indígena Ndêti Reginaldo pela contribuição no meu trabalho de pesquisa.

## **RESUMO**

Este trabalho, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) na linha de pesquisa: Diversidade Cultural e Educação Indígena tem como objetivo de pesquisa estudar a Ação Saberes Indígenas na Escola, a partir das ações desenvolvida, iniciada em 2016 na Escola Indígena Cacique Armando Gabriel, na Aldeia Córrego do Meio, Município de Sidrolândia, Mato Grosso do Sul. No Mato Grosso do Sul, o Ministério da Educação (MEC) implantou o Programa Ação Saberes Indígenas na Escola e isso tem auxiliado a formação de professores indígenas para atuarem nas escolas em suas aldeias. Para produção dos dados a pesquisa utilizou o método auto etnográfico, pois como membro da comunidade onde nasci, sempre vivi, e como professor na escola pesquisada, estou tratando de uma experiência na qual faço me inserir a partir do segundo semestre do ano de 2017 e agora faz parte no meu dia a dia. Sobre a presença dos Saberes na Escola, além da observação e participação efetiva no dia a dia das atividades desenvolvidas pelo programa, também foram realizadas entrevistas, mas principalmente conversas informais com professores, diretor, coordenador pedagógico da escola, e também análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola bem como os cadernos dos alunos, além de conversas informais com os anciãos Terena, Cacique e grupos de danças culturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saber étnico; Saberes Terena; Formação de Professores Indígenas



## **ABSTRACT**

This work, linked to the Graduate Program in Education (PPGE) of the Catholic University Don Bosco (UCDB) in the research line: Cultural Diversity and Indigenous Education has as its research object to study the Action Indigenous Knowledge in School, from the actions developed at Cacique Armando Gabriel Indigenous School, in Aldeia Córrego do Meio, Municipality of Sidrolândia, Mato Grosso do Sul. In Mato Grosso do Sul, the Federal University of Mato Grosso do Sul, implemented the Indigenous Knowledge Program at the School and this has helped the training of indigenous teachers to work in schools in their villages. For the production and analysis of the data, the research used the method of auto-ethnography, because as a member of the community where I was born, I always lived, and as a teacher in the researched school, I am dealing with an experience in which I insert myself from the beginning of 2018. and now it's part of my daily life. About the presence of knowledge in the school, besides the observation and effective participation in the day to day activities of the program, interviews were also conducted, but mainly informal conversations with teachers, principal, pedagogical coordinator of the school, and also analysis of the Pedagogical Political Project. (PPP) as well as student notebooks, and informal conversations with elders Terena, Cacique, and cultural dance groups.

**KEYWORDS:** Know local; Experience; Terena Culture; Indigenous Teacher Training

## KALI ITATANE YUTOETI

Enepone ra koyuhópeti, ukea xoko Programana Pós-Graduação Educação Mestrado e Doutorado(PPGE), xoko Universidade Católica Dom Bosco(UCDB), enepone pesquisa: Diversidade Cultural e Educação Indígena oposíkoati ihikaxeovo enepone Escola Indígena Cacique Armando Gabriel, Aldeia Córrego do Meio, Município de Sidrolândia, Mato Grosso do Sul, enepone ra ihikaoti, oposikokonoti upénoku ne saberes escolake, yane exókopati. Enepone dados vítone, xoko ihikaxovoti ya 1º, 2º,3º Yoko 4º Ano do Ensino Fundamental ukeahiko, vó'okuke xoko yutoxókenati Yoko desenhoke éxokea enepone exonehiko, xoko entrevistake ukea uhá koeti yutoxókenati yayeke, kuteanemaka itukohiko entrevista xoko ihikaxoti, diretor Yoko coordenador, anovo pahúkotihiko, noxoatimaka enepone Koeti Projeto Político Pedagógico (PPP), ukeamaka xoko koyúhope kalivónohiko, itúkovomaka entrevistana anciãohuko Terena, Cacique Yoko enepone hiyokénati.

**Emo'úti: apêtihiko:** exókenati ukeâti vípuxovoku, exókenati ukeâti ya xoenãe, kixóvoku Terena.

## **LISTAS DE SIGLAS**

CF - Constituição Federal

CNE – Conselho Nacional de Educação

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

ICMS - Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços.

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

MOG - Memória Oziel Gabriel

MPF – Ministério Público Federal

PNAIC – Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PROEC – Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas

REME – Rede Municipal de Educação

SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SPI – Serviço de Proteção aos índios

SUCAM – Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

TIB – Terra Indígena Buriti

UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

UEMS – Universidade estadual de Mato Grosso do Sul

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## **LISTAS DE FOTOS / IMAGEM**

Foto 1 – Capitão Armando Gabriel relatando sobre as retomadas de área da Terra Indígena Buriti .....	pg. 29
Foto 2 – Concurso de Musa Símbolo Resistência “Oziel Vive”, Aldeia Córrego do Meio .....	pg. 32
Foto 3 – Guerreiro Terena Oziel Gabriel.....	pg. 33
Foto 4 – Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel.....	pg. 34
Foto 5 – Oziel Gabriel caracterizado para luta.....	pg. 35
Foto 6 – Oziel impondo seu arco e flecha em uma das áreas de retomada.....	pg. 36
Foto 7 – Forças policiais em confronto na área de retomada antes do guerreiro Oziel ser atingido .....	pg. 37
Foto 8 – Terena pedindo justiça sobre a morte do Oziel Terena em Campo Grande/MS .....	pg. 38
Foto 9 – Alunos da Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel homenageando o Guerreiro Oziel no desfile da Pátria .....	pg. 38
Foto10 – Oziel Terena sendo homenageado nos indígenas do Brasil .....	pg. 39
Foto 11 – Guerreiros Terena em grito: Oziel vive .....	pg. 40
Foto 12 – Formatura da criança Terena na Educação Infantil .....	pg. 44
Foto 13 - Mapa de localização da Escola Cacique Armando Gabriel .....	pg. 50

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1. MEODOLOGIA E O CAMPO TEÓRICO .....	18
2. OS TRONCOS VELHOS E OS RIZOMAS: CONHECIMENTOS INDÍGENAS TERENA NA ALDEIA CÓRREGO DO MEIO/TERRA INDÍGENA BURITI 23	
2.1 Tronco velho: saberes e práticas ancestrais-cotidianas .....	26
2.2 Oziel Gabriel Terena: o tronco para luta na retomada na Terra Indígena Buriti. ....	30
3. A ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA CACIQUE ARMANDO GABRIEL NA ALDEIA CÓRREGO DO MEIO E SUA INSERÇÃO NA AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA CACIQUE ARMANDO GABRIEL. 41	
3.1 Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel: Olhares de dentro .....	44
4. A PRODUÇÃO DOS SABERES/CONHECIMENTOS INDÍGENAS E SEU REGISTRO NA AÇÃO SABERES INDÍGENA NA ESCOLA NA ALDEIA INDÍGENA CÓRREGO DO MEIO .....	47
4.1 O projeto Ação Saberes na Escola: Ação e fazeres na produção do Material Didático 50	
4.2 Arapuca e Paris: os desafios na produção dos materiais didático-pedagógicos. ....	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	75
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	77

## INTRODUÇÃO

Ecoa em minha memória a voz do meu avô Terena Armando Gabriel – “o índio nunca esqueceu o local onde ele vivia, nunca perdeu a esperança de voltar para o seu lugar, sabia que um dia seu direito ia aparecer”. Esse é a minha mola propulsora do viver Terena, de lutar, de ressignificar, superando os limites onde a todo o momento está em risco por não compreenderem a relação iminente, de nós indígenas, com a terra e seus saberes resistentes.

Sou filho de casais Terena Evilásio Gabiel e Maria de Fátima Clementino. Nasci na Aldeia Indígena Córrego do Meio/Sidrolândia, Terra Indígena Buriti, Mato Grosso do Sul (MS).

Sou Terena e faço parte de uma construção de um povo que, aos longos dos séculos tem resistido à imposição colonial. Meu avô falava fluentemente a Língua Terena e convivia ouvindo histórias e lendas do nosso povo. Meu avô Armando Gabriel já ocupava uma importância no meio dos Terena pois ele era o capitão<sup>1</sup> da aldeia.

Cresci observando sua autoridade em decidir assuntos importantes da aldeia, como por exemplo, resolver os problemas familiares bem como, decidir as ações relevantes para o bom andamento da aldeia e o mais significativo para mim era observar a reunião do Conselho da Comunidade que tinha como pauta as retomadas das áreas invadidas pelos grandes

---

<sup>1</sup> Capitão é uma liderança imposta pelo Serviço de Proteção aos índios e depois pela FUNAI na Aldeia, para designar os auxiliares dos chefes de posto indígena, no intuito de gerenciar todos os diferentes grupos familiares que se aglomeraram nos processos de confinamento.

Por outro lado, presenciei as mulheres Terena confeccionando cerâmicas enquanto os homens Terena ocupavam-se em caçar, pescar, coletar frutos e trabalhavam na roça.

Meu avô Armando Gabriel sempre falava que sua palavra ou a palavra de alguém deve ser cumprida e era óbvio o cumprimento por parte dele em suas reuniões ou outras ações. Os anciãos da aldeia também tinham esse mesmo comportamento e quando um indígena não cumpria sua palavra era tomada como desrespeito na aldeia e o Terena era levado à autoridade do Capitão e do Conselho Tribal.

Quando um Terena cometia algum mal dentro da Aldeia, o Capitão reunia-se com o Conselho Tribal para definir o castigo. E o castigo dependia muito do grau da natureza cometido pelo indígena. Alguma punição era de cortar o cabelo, capinar uma área determinada pelo conselho, trabalhar determinado dias no Posto da Fundação Nacional do Índio, na moradia do Chefe ou do capitão e/ou ser transferido para outra aldeia do Estado ou do País. Junto de meus pais pescava no Córrego Buriti e no Córrego do Meio, onde tinha cardumes de Dourados, Lambaris, Piraputanga, Corimba e Traíra.

Minha família plantava produtos agrícolas de subsistência, como: arroz, feijão e milho. Meu pai Evilásio Gabriel sempre acompanhou meu avô no trabalho nas fazendas além de ser líder de grupos indígenas que saíam para trabalhar em propriedades rurais. Depois ingressou na Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM) como agente de combate as doenças. Percorria fazendas, assentamentos, chácaras, sítios adjacentes da Aldeia Córrego do Meio, durante 5 anos.

Logo após fez o curso de auxiliar de enfermagem na cidade de Dourados-MS e a partir daí trabalhou durante 30 anos cuidando da população indígena. Aos 64 anos aposentou como funcionário do Ministério da Saúde.

Aos 10 anos de idade eu já comandava um pelotão de componentes indígena para apresentação da dança do bate pau. Mas pra chegar a essa condição deveria passar por vários treinamentos pelos Terena que eram consagrados como Líder de Grupos de Dança.

Minha infância na aldeia foi de brincar, nadar, caçar, ouvir histórias dos mais velhos, andar nas matas, coletar frutas silvestres, confeccionar arco e flecha, construir armadilhas para animais silvestres e ouvir os conselhos dos mais idosos. Adquiri o nome



*Vítio* (escolhido), pelo meu avô Barnabé Clementino, pai da minha mãe Maria Fátima Clementino. Particpei de vários eventos de futebol de campo.

Gostava muito de disputar jogos entre as aldeias e onde permitia uma socialização com outros indígenas de lugares diferentes. Meu avô Armando Gabriel foi o Grande Líder de Retomada das áreas a partir de 1950 e com a idade de 7 anos, presenciei suas falas de conhecimento por onde passava as delimitações das aldeias de onde os Terena foram expulsos.

Falava com propriedade e narrava as maldades contra os Terena por parte dos donos de propriedades de terras. A minha frente ele confeccionou em um pedaço de papel rústico o mapa da Terra Indígena Buriti por onde passava os limites dos 25 mil hectares das áreas indígenas e que por hora foi reduzida para 2.015 hectares. Além dos desenhos das montanhas, consta também nesse mapa os rios, riachos, que eram marcas naturais utilizados como limites para nós indígenas Terena.

Esse mapa, com sua originalidade está no meu arquivo como propriedade exclusiva que foi entregue pelo meu avô em 2008 e que guardo com muito carinho. Como criança aprendi experimentando, vivendo o dia-a-dia da aldeia e, acima de tudo, acompanhando a vida dos mais velhos, imitando, criando, inventando, reinventando no ambiente familiar, composto pelo grupo de parentesco, ofereceu a liberdade e a autonomia necessárias para esse experimentar e criar infantil.

Os primeiros contatos com a escolarização formal, anos iniciais, se deram em 1979 e 1980 na Escola XV de Novembro / Aldeia Buriti, na época pertencente ao município de Anastácio, tendo como mantenedora a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Minha primeira professora foi à Terena Ziza Gabriel Campos. Nessa escola conclui a 2ª série do Ensino Fundamental e depois fui transferido, em 1984, para a Escola Joaquim Teófilo, na Aldeia Córrego do Meio, concluindo assim a 3ª série. Como a Aldeia ofertava apenas 3ª série, em 1985, meus pais decidiram me matricular na 4ª série na cidade de Sidrolândia, a 28 km da Aldeia, na Escola Estadual Sidrônio Antunes de Andrade. Inicia-se então a minha angústia em deparar com o choque cultural, de um mundo diferente do meu. Estava em um lugar de não aceitação e estranho e o que me restava apenas era criar estratégias de sobrevivência(negociação) para além das minhas fronteiras:

---

<sup>3</sup> Nome Terena que significa o escolhido

Passei por duas etapas de formação da minha identidade: a primeira, desde criança aprendi os ensinamentos religiosos com meus pais por serem pertencentes a uma Igreja Evangélica; A outra, na tradição religiosa do Terena onde minhas avós, meus pais e os anciãos da aldeia ensinavam a cosmologia indígena.

Diante desse ambiente não indígena ficava mais óbvia à negação da identidade terena, da língua materna e aos poucos o ser Terena era desconstruído.

Conclui a 5ª série na Escola Municipal Olinda Brito de Souza, em 1986. Para continuação dos estudos, em 1988, fui matriculado na Escola Evangélica Lourenço Buckman, no Distrito de Taunay, Município Aquidauana, onde permaneci um ano em regime de internato. Em 1989 retornei para a cidade Sidrolândia, na Escola Municipal Olinda Brito de Souza onde cursei a 7ª e 8ª séries, terminando o Ensino Fundamental.

Reportando um pouco ao ano de 1993 fui contratado pela prefeitura de Sidrolândia ao cargo de Professor para lecionar numa classe multisseriada num projeto da Secretaria de Educação do Estado chamado “Escola Ativa”, na Escola Extensão Marcelino José/Aldeia Lagoinha-Sidrolândia, Mato Grosso do Sul (MS).

Em 1997 a Escola Joaquim Teófilo deixou de ser Extensão para ser Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel-Polo.

No ano de 2000 fui nomeado como coordenador pedagógico na Escola Joaquim Teófilo, escola essa extensão de uma escola da cidade chamada Escola Municipal Arany Barcelos.

Ainda no ano de 2000 conclui o meu ensino médio no Colégio Atenas em Campo Grande e nesse mesmo ano fiz o vestibular no projeto Formação Docente na Universidade Católica Dom Bosco, junto com mais 07 indígenas Terena da Aldeia Córrego do Meio, que foram: Jader Gabriel Campos, Jeder Gabriel Campos, Messias Sol Dias, Sirvério Vitorino Delfino, Rozilene Vitorino Delfino Gabriel, Samuel Dias e Elizaine Silva Gabriel. Esse projeto era realizado nos períodos de férias e conciliava o meu trabalho como professor na aldeia.

Em 2004 as aldeias jurisdicionada a Terra Indígena Buriti surgia uma demanda expressiva de Terena formados no Ensino Médio e com isso a UEMS, através da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos comunitários-PROEC ofertou o Curso Preparatório para Acesso de Estudantes Indígenas a Universidade e, na oportunidade, fui ministrante nesse

Projeto de Extensão, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura. Neste mesmo ano formei em Letras na UCDB e os meus colegas indígenas também, cada um nas suas áreas específicas, todos com o projeto de lecionar na escola Polo, concretizado em 2005 atendendo alunos da Educação Infantil ao 9º ano.

Nesse mesmo ano fui nomeado como Diretor Escolar até 2009. Na função de diretor escolar muito embate obtive diante da Secretaria Municipal de Educação de Sidrolândia por não efetivação das políticas públicas voltadas para as comunidades indígenas. A começar pela Proposta Pedagógica da Escola que não contemplava a identidade de uma escola indígena. Era uma Proposta Pedagógica única que contemplava as Escolas da Rede Municipal de Educação (REME), quer seja da urbana, educação do campo e indígena. Estava diante de um desafio de autonomia no tocante a efetivação e funcionamento de uma escola indígena dentro de suas peculiaridades: bilinguismo, calendário próprio, currículo intercultural e gestão compartilhada.

Todo esse meu embate junto da Secretaria Municipal de Educação foram embasadas na Constituição Federal de 1988, Artigo 210, 215 e 231; Portaria nº 559/91 estabelece a criação dos Núcleos de Educação Escolar Indígena (Neis) nas Secretarias Estaduais de Educação; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996; Parecer CNE/CEB nº 14/1999, aprovado em 14 de setembro de 1999 que dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas; Resolução CEB nº 3, de 10 de novembro de 1999 que Fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências; Plano Nacional de Educação Lei nº 10.172 de 09 de janeiro de 2001 – Modalidades de Ensino: Educação Indígena.

Ao criar a Escola Polo, a Escola Cacique Armando Gabriel teve como primeiro diretor o Terena professor Samuel Dias, filho de Lúcio Dias, um dos primeiros professores da região na década de 70 quando as escolas das aldeias tinham como mantenedora a FUNAI. Em 2010, fui nomeado para assumir a coordenação pedagógica na Secretaria das Escolas Rurais, na sede do município de Sidrolândia, atendendo 17 escolas de Assentamentos. Em 2012 fui nomeado como Diretor desta mesma Secretaria. Em 2014 fui coordenador do Centro Municipal de Educação Infantil Irmã Demétria. Em 2015, assumi o concurso público, na Escola Olinda Brito de Souza, localizada na cidade de Sidrolândia, onde em 1990 conclui o Ensino Fundamental.

Em 2017 solicitei o meu remanejamento para a escola da aldeia dando aulas de Língua Portuguesa nos Anos Finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio na Escola

Kopenoti do Ensino Médio professor Lucio Dias/Aldeia Córrego do Meio. Aos poucos entendi que a Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel/Aldeia Córrego do Meio deveria repensar seus valores culturais, e isso ficou evidente na participação dos estudantes nos Jogos Escolares na cidade oportunizando a sociedade sidrolandense a amostra cultural da diversidade indígena. Fator importante presente na escola e na comunidade indígena nos relatos orais dos saberes indígenas pelos anciãos, cânticos, danças, desenhos e concurso da mais bela indígena da região.

Essa experiência de vida diferente fez com que pudesse verificar a importância de entender e compreender o fazer de uma pedagogia Terena diferentemente a da lógica ocidental.

Buscando ampliar meus conhecimentos ingressei no ano de 2018 no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) para cursar o mestrado, onde além de cursar disciplinas, apresentar trabalhos em eventos científicos, participar de grupo de pesquisa de meu orientador, também desenvolvi essa pesquisa que é parte das exigências para obter o grau de mestre.

Essa pesquisa tem como objetivo geral evidenciar a Ação Saberes Indígenas na escola e como está sendo as práticas educativas implementada na Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel, na Aldeia Indígena Córrego do Meio no Estado de Mato Grosso do Sul, no tocante a Educação Escolar Indígena diferenciada.

Teve também como objetivos específicos: Explicitar a disseminação dos conhecimentos indígenas a partir dos Troncos Velhos (Terena Armando Gabriel); Contextualizar a Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel; Verificar a produção dos saberes/conhecimentos indígenas e seu registro na Ação Saberes Indígenas na escola.

## 1. A METODOLOGIA E O CAMPO TEÓRICO

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel que está localizada na Aldeia Indígena Terena Córrego do Meio no município de Sidrolândia, Mato Grosso do Sul.

Para produção dos dados a pesquisa utilizou o método da autoetnografia, pois como membro da comunidade onde nasci, sempre vivi, e como professor na escola pesquisada estou tratando de uma experiência na qual me inseri e agora faz parte no meu dia a dia.

A autoetnografia definida por Ellis e Bochner (2000), mostra que ninguém melhor para analisar e refletir sobre o estudo que se busca desenvolver do que o próprio envolvido na pesquisa e, portanto, usar a própria experiência vivida pode servir para generalizar um grupo ou toda uma cultura.

Para Kock; Godoi; Lenzi (2012):

Por meio da autoetnografia, o indivíduo, ora pesquisador, ora objeto pesquisado, compreende a si mesmo por meio do aprofundamento intrínseco e de seu ambiente vivido. Assim, quando compreender a si, compreenderá o meio, os outros envolvidos.

Ramires (2016) afirma que a autoetnografia: “através de concepções do sujeito traz uma descrição da cosmovisão de seu povo/comunidade de dentro para fora, onde ele transita praticando e constituindo os saberes conforme os fundamentos cosmológicos. ”

Foi também realizada pesquisa bibliográfica e documental com análise de documentos oficiais sobre a Ação Saberes Indígenas na Escola, das atividades de formação desenvolvidas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), relatórios de professores, além de diálogos com cada um dos grupos da comunidade escolar: professores, equipe gestora da escola, como coordenadora pedagógica e diretor, além da coordenação pedagógica da Secretaria Municipal de Educação responsável pela coordenação do ensino fundamental das escolas municipais do município de Sidrolândia.

Foram analisados também os materiais didáticos pedagógicos já existentes, como livros, CDs, DVDs e outros materiais buscando verificar o material disponibilizado pela Secretaria Municipal de Educação bem como o material produzido na Ação Saberes Indígenas na Escola na Escola Cacique Armando Gabriel que são descritos no corpo da dissertação.

Para Silva (2012) o pouco conhecimento generalizado sobre os povos indígenas está associado basicamente à imagem do índio que é tradicionalmente veiculada pela mídia: um índio genérico, com um biótipo formado por características correspondentes aos indivíduos de povos habitantes na Região Amazônica e no Xingu, com cabelos lisos, pinturas corporais e abundantes adereços de penas, nus, moradores das florestas, de culturas exóticas, etc.

Essa ideia que temos em relação aos povos indígenas vem mudando ao longo dos anos, mesmo que a passos muito lentos e essa mudança ocorre em razão da visibilidade política conquistada pelos próprios indígenas.

Diante desse quadro a pesquisa buscou dialogar inicialmente com os autores indígenas que vem produzindo conhecimento a partir da vivência de seu povo e que tem ocupado espaço importante no mundo acadêmico, como Antônio Carlos Seizer da Silva (SEIZER DA SILVA, 2015), Gerson Pinto Alves (ALVES, 2016), Edineide Bernardo Farias (FARIAS, 2015), Eder Alcântara Oliveira (OLIVEIRA, 2013), Eliel Benites (BENITES, 2014), Lídio Cavanha Ramires (RAMIRES, 2016), Teodora de Souza (SOUZA, 2013), Claudemiro Pereira Lescano (LESCANO, 2016), Gersem José dos Santos Luciano (LUCIANO, 2006), Wanderley Dias Cardoso (CARDOSO, 2011), bem como pesquisadores que são referência na pesquisa com povos indígenas em Mato Grosso do Sul, como Adir Casaro Nascimento, Antônio Hilário Aguilera Hurquiza, Levi Marques Pereira, Gilberto Azanha, Beatriz Landa, Carlos Magno Naglis Vieira, dentre outros.

Os estudos teóricos também foram apoiados no pensamento pós-colonial, dialogando com as teorias pós-críticas (estudos culturais), autores de diversas áreas de conhecimento, como: Bhabha (1988), Santos (2010), Brand (1997, 2011), Candau (2006), Said (1993), Mignolo (2005, 2013, 2015), Quijano (2005, 2007), Silva (2007), Spivak (1988) Walsh (2001, 2005, 2006, 2009).

Minhas aproximações com esses autores, inicialmente a partir das disciplinas cursadas no decorrer de mestrado me possibilitaram ter acesso a conceitos importantes para minha formação com identidades/diferenças culturais que são o resultado de inúmeros e infinitos processos de negociação cultural (BHABHA, 2001) que se desenvolvem em contextos específicos e em condições particulares de emergência.

Na concepção de Bhabha (2007, p. 41), a cultura é “insurgente e intersticial”. Ele fala dessa característica para afirmar que não se pode pensar uma cultura como no senso comum de alta cultura, erudição, ou intelectual, mas antes como espaço fronteiro, da troca, da diferença, da “ponte que reúne enquanto passagem que atravessa”.

Santos et al. (2007), também apresenta que o ensino no Brasil é eurocentrada e exclui a história, a cultura e as contribuições dos outros grupos formadores da sociedade brasileira, sendo eles os negros e povos indígenas.

Outro fato interessante contestado pela maioria dos não indígenas é participação ativa dos povos indígenas no mundo social da sociedade brasileira, onde esquecem que os povos indígenas compõem o que chamamos de sociedade brasileira ou povo brasileiro.

Nesse sentido o que se vê é a dificuldade de conviver com o outro, com o diferente, o que não deixa de ser uma relação etnocêntrica.

É evidente o desconhecimento da importância da história e cultura dos povos indígenas na formação do povo brasileiro, portanto umas das intenções da pesquisa é contribuir para ressignificar a importância das práticas pedagógicas com a correção das distorções em relação ao assunto, bem como valorizar a identidade dos povos indígenas do Brasil e sua herança cultural na formação do povo brasileiro.

Conforme Hall (1997) assiste-se hoje a uma verdadeira virada cultural, que pode ser resumida como o entendimento de que a cultura é central não porque ocupe um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos.

Argumentando fortemente em favor do protagonismo e se contrapondo a essas vozes que se colocam como representantes de discursos emudecidos, e que acabam por silenciar de vez os subalternos do mundo, Spivak traz à tona a importante questão da recusa. A autora compreende a “recusa ideológica coletiva” como algo que os intelectuais devem ser capazes de fazer para se abster dessa prática sistematizada pelo imperialismo, deixando que cada grupo assuma sua voz, evitando, assim, a produção de um simulacro que corresponderia à tradução (ou traição) do discurso do outro.

Segundo o conceito de interculturalidade como “um pensamento outro, construído do particular lugar político da enunciação (...) de grupos subalternos” (WALSH, 2009, p. 151) a interculturalidade emerge como um projeto que assume a decolonialidade como requisito e obrigação, levando a um repensar e a um reconstruir instituições sociais e políticas da sociedade sob critérios que reconhecem e confrontam a colonialidade ainda presente, o racismo e a racialização, a desigualdade e o caráter uninacional e monocultural do Estado (WALSH, 2009, p. 153).

Segundo Quijano (1992), a crítica do paradigma europeu da racionalidade/modernidade é necessária e urgente, mediante a descolonização epistemológica, possibilitando a liberação das relações interculturais e o intercâmbio de experiências. Para ele, “A descolonização é o piso necessário de toda revolução social profunda” (QUIJANO, 2002, p. 17).

Na perspectiva de Walsh (2009) enfatiza a necessidade de outras pedagogias, uma pedagogia de-colonial que possibilite construir relações de saber, ser, fazer e poder numa perspectiva intercultural, onde a necessidade de perceber como as negociações dos saberes Terena, nos seus modos de ser, viver, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras descentra e reexistem aos processos de subalternização.

Além disso, é crucial notar como (SAID, 2007a, p. 90) ressalta as ambivalências da relação cultura-política, no sentido de tanto revelar o poder das representações quanto o potencial de emancipação.

Nesse sentido a pesquisa buscou entender como o programa Saberes Indígenas na Escola, do estado brasileiro, voltado para a formação de professores e professoras indígenas pode fortalecer a educação escolar indígena Terena, com foco na Escola Indígena Cacique Armando Gabriel, na Aldeia Córrego do Meio, no Município de Sidrolândia, no Estado do Mato Grosso do Sul.



Canclini (2007, p.17) afirma que a interculturalidade implica que os diferentes são os que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. A pesquisa se fez essencial pois evidencia a seriedade pela Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel, mostrando que é possível manter uma relação respeitosa de troca de conhecimentos, de reconhecimento e busca pelos educandos, pelos professores, lideranças indígenas, anciãos, mulheres Terena, crianças e adolescentes das suas memórias ancestrais, que possibilita assumir, incorporar e legitimar os saberes indígenas no ambiente escolar ou em outros lugares em que vivem e também de proporcionar a manutenção e continuidade da cultura Terena.

## **2. OS TRONCOS VELHOS E OS RIZOMAS: CONHECIMENTOS INDÍGENAS TERENA NA ALDEIA CÓRREGO DO MEIO/TERRA INDÍGENA BURITI**

A sua maneira, os Terena sempre reivindicaram, aliaram-se, cederam, dialogaram e agiram. Sempre, de uma forma ou de outra, responderam às situações que se apresentavam. Foram obrigados a estabelecer relações mais estreitas com a sociedade envolvente e, dessa feita, apropriaram-se de alguns de seus valores, suas falas, seus hábitos (VARGAS, 2003, p. 95).

Carolina Perine de Almeida (2013), na dissertação *Os troncos, suas raízes e sementes: dinâmicas familiares, fluxos de pessoas e história em aldeias Terena* avança na conceituação dos troncos. Ela utiliza também o termo em Terena: *xuve*, o tronco da família, o tronco da casa, o tronco que chama os filhos ou chefe de casa/família. *Xuve* ou tronco de acordo com a pesquisadora é uma liderança capaz de mediar conflitos, aconselhar, resolver problemas etc. Mas que para isso, precisa se portar de forma específica, ter uma trajetória que demonstre sua confiabilidade e capacidade de resolver as demandas de seu grupo. Além de ser a liderança, é o próprio grupo que ela aglutina.

Para melhor compreender as divisões efetivadas pelos Terena no interior das Reservas também é útil abordar o conceito de tronco, que de acordo com Eremites de Oliveira e Pereira (2003) e Pereira (2009), é o módulo organizacional básico dos Terena, estruturando, assim, a ocupação territorial. Um certo grupo de famílias nucleares se articula em torno da figura de um tronco, isto é, um líder, em geral um ancião, ou ainda um casal de anciãos. Os

troncos se reconhecem como pertencentes a uma cultura Terena comum, mas cada um deles tem formas de conduta e socialização próprias, baseadas no exemplo do seu articulador. Os locais ocupados por cada um destes tronco:

Conforme as principais obras sobre os Terena, esta etnia é um dos subgrupos Guaná ou Chané, da família linguística Aruak. Os Terena e diversos grupos indígenas que se relacionavam nesse amplo território denominado Chaco/Pantanal, formavam um sistema regional multiétnico. O que não significa que mantivessem apenas relações amistosas, mas que estabeleciam entre si diversos tipos de interação: colaboração, intercâmbio material e cultural e também conflitos.

De acordo com os pesquisadores Jorge Eremites de Oliveira e Levi Marques Pereira (2003), que atuaram como peritos da Justiça Federal na região da Terra Indígena Buriti, pesquisas arqueológicas e etno-históricas realizadas na porção pantaneira de Cáceres, estado do Mato Grosso, evidenciam que povos Aruák como os antigos Xaray, já estavam estabelecidos naquela região há cerca de 2.000 anos, permanecendo no local até o século XVIII, quando bandeirantes de São Paulo destruíram suas aldeias.

Hall (1997) destaca que a nossa identidade é construída a partir das representações colocadas para nós:

A identidade emerge, não tanto de um centro interior, de um “eu verdadeiro e único”, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são representados para nós pelo discurso de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos apelos feitos por estes significados, de sermos interpelados por eles, de assumirmos as posições de sujeito construídas para nós. (HALL 1997, p. 08).

A etnia Terena, são povos destemidos e batalhadores, tem-se notabilizado por suas conquistas sociais, políticas e educacionais ao longo de sua trajetória. Sua sobrevivência física e cultural, numa história de adversidades, deslocamentos forçados e explorações do todo tipo, atesta a sagacidade e a determinação de um povo bravo e resiliente.

Os Terena são ligados a terra e consideram como sua mãe, tem a agricultura como a principal forma de atividade econômica e por serem agricultores foram diversas vezes submetidos as alianças/negociações por outras nações.

Estão em constante mudança dos sistemas culturais. Os Terena vêm apresentando reelaboração e negociação enquanto nação indígena.

A etnia Terena tem uma herança histórica de milhares de anos. Sua evolução se manifesta pela mobilidade física na aquisição do processo cultural. É um povo de um relacionamento com as demais etnias. Tem capacidade de adaptar-se aos diferentes espaços culturais sem deixar a sua identidade.

Tem a terra como o lugar onde tira a sua sustentação. Sua cultura é constituída por tudo o que faz do seu molde de vida e o caracteriza como um povo único, com uma identidade própria.

A comunidade Terena da Aldeia Córrego do Meio/Terra Indígena Buriti encontra-se em uma situação de extremo risco ou de vulnerabilidade social: ausência de uma atuação da política pública de assistência social, da qualidade acesso a trabalho, renda e serviços. Haja vista a exiguidade das terras a ela efetivamente reservada para o usufruto exclusivo por parte do Estado Brasileiro.

A quantidade de indígenas é superior a 800 habitantes para uma área de 300 hectares. Este fato traz complicações imensuráveis, sobretudo o risco à produção física e cultural do povo Terena. Isso ocorre pelo fato de que o modo de vida dos indígenas, isto é, os usos, costumes e tradições Terena estão comprometidos pelo estado de insegurança em que vivem as famílias indígenas na aldeia.

O desrespeito ao direito indígena sobre seu território tradicional gera um conjunto de pressões a comunidade Terena, a saber: insuficiência de espaço para as lavouras tradicionais; ausência de áreas para a construção de casas tradicionais, a matéria prima para esta finalidade (madeira, capim, sapé); comprometimento dos espaços de rituais e de convivência comunitárias, além de degradação ambiental que ameaça o que ainda resta de cobertura vegetal nativa e recursos hídricos.

### **2.1 Tronco velho: Saberes e práticas ancestrais-cotidianas**

A aldeia Córrego do Meio é comum as outras áreas reservadas ao povo Terena no estado, uma vez que todos os casos as características são bastante semelhantes. Isto ocorre pelo fato de que o território Terena está configurado por pequenas terras indígenas, separadas entre si por grandes fazendas e inseridas em contextos regionais singulares, marcadas pelo preconceito e exclusão social dos indígenas.

No caso da Aldeia Córrego do Meio, a comunidade tem relações estabelecidas com os municípios de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti. Os indígenas também têm uma teia de relações sociais estabelecidas com grupos econômicos da região, o que se dá, principalmente, através do fornecimento de mão de obra barata para a alocação em subempregos, havendo pouco ou nenhum respeito a direitos trabalhistas e a dignidade humana de uma forma geral.

Nós indígenas em nenhum momento abandonam suas reivindicações territoriais, pelo respeito. Sempre mantiveram viva a demanda pelo usufruto das áreas habitadas por seus antepassados e utilizadas pelos Terena para a caça, retirada de mel, lavoura e habitações, independentemente de titulações de propriedade concedidas à revelia dos direitos indígenas.

As áreas ocupadas pelos Terena da Aldeia Córrego do Meio na região encontram-se completamente absorvidas pelo cotidiano da comunidade indígena, sendo essenciais para a manutenção de condições mínimas de sobrevivência, ou seja, para a reprodução física e cultural dos Terena. O respeito pelo cumprimento dos limites estabelecido pela Portaria Declaratória do Ministério da Justiça nº 3.079, de 27 de setembro de 2010, publicada no Diário Oficial da União, garantirá as condições elementares para que as famílias Terena da região não venham a passar por situações de extremo risco social, como se observa atualmente.

Dessa maneira, qualquer decisão voltada para a efetiva retirada da posse dos indígenas sobre as áreas ocupadas recentemente, as quais são terras indígenas conforme determina o Art. 231 da Constituição Federal de 1998, implicará em severas consequências para os Terena da Aldeia Córrego do Meio, como por exemplo, o agravamento dos quadros de insuficiência de recursos naturais e de ausências de acesso a totalidade dos pontos territoriais de referência cultural para as famílias da Aldeia Córrego do Meio.

As famílias Terena da aldeia tem afirmado que a retirada de seu território tradicional tem aumentado a intensidade e a quantidade de ameaças de violência promovidas por não índios contra elas.

Desde criança cresci estruturado na convivência do meu avô Terena Armando Gabriel que foi capitão por 38 anos na Aldeia Córrego do Meio. Segundo ele o termo “cacique” surgiu na década de 1980 e então passa a ser apropriada pelos Terena que tinha como atendimento as demandas internas e externas a comunidade.

Suas principais atribuições foram: (1) contratos de trabalho entre índios e proprietários ou empresas rurais; (2) programas de instituições públicas voltadas para o atendimento da população indígena; (3) programas desenvolvidos por igrejas, universidades e entidades da sociedade civil organizadas; (4) conflitos internos relativos à convivência na aldeia entre os troncos que a compõem.

Armando Gabriel foi um dos fundadores da Terra Indígena (TI) Buriti e relata que os Terena foram expulsos de suas áreas onde se confirma no relatório da Inspeção do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), coronel Nicolau Bueno Horta Barbosa, datada do dia 23 de dezembro de 1927, com referência a ocupação das terras do Buriti, onde afirma que as demarcações das fazendas da região foram precedidas alias de um período em que os indígenas foram perseguidos em suas roças, onde soltavam suas criações, ameaçados em suas vidas, acusados de vícios e crimes que nunca haviam cometido.

E estas expulsões foram à ocupação das terras por atividades agropastoris por parte dos primeiros proprietários. Para isto era necessário interromper a forma de ocupação tradicional indígena.

No relatório do Delegado da Inspeção do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) Coronel Nicolau Bueno Horta Barbosa identifica alguns proprietários:

[...] preparativo da espoliação prestes a efetivar-se. De um lado o Sr. Agostinho Rondon ou seu preposto; de outro o Sr. Cel. Porfírio de Britto ou o seu preposto Rabello; de outro ainda o Sr. José de Souza, etc.; porfiavam em amedrontar e prejudicar aos Terenos por todas as formas, até que enfim se animaram a chegar com o demarcador, que afincou os marcos mesmo dentro das Aldeias, por entre os ranchos e roçados, em nome de um irrisório direito conferido por um título provisório dolosamente obtido do Governo, pois que sistematicamente alegaram em seus requerimentos uma cultura que não tinham, ocupação que não faziam se não por esbulho; ao mesmo tempo que ocultavam a circunstância de existirem nas terras requeridas as aldeias indígenas com suas roças e mais trabalhos.

Seu pai Brás Gabriel, nasceu nas margens do córrego Cafezal no século XIX, faleceu por volta de 1940 e foi enterrado no cemitério do córrego Cafezal.

Armando Gabriel, nasceu em 1918 no alto da serra de Maracaju, quando seu pai trabalhava em fazendas da região e considerado morador antigo da região do córrego Cafezal, pois aí viveram os parentes de seu pai

Desde jovem Armando Gabriel já tinha espírito de liderança que aos poucos foram traduzidas na luta pela busca de territórios perdidos, territórios esses de ocupação tradicional pelo Terena.

Segundo ex-cacique Armando Gabriel à caça, pesca e coleta foram atividades presentes nos Terena até a década de 1960.

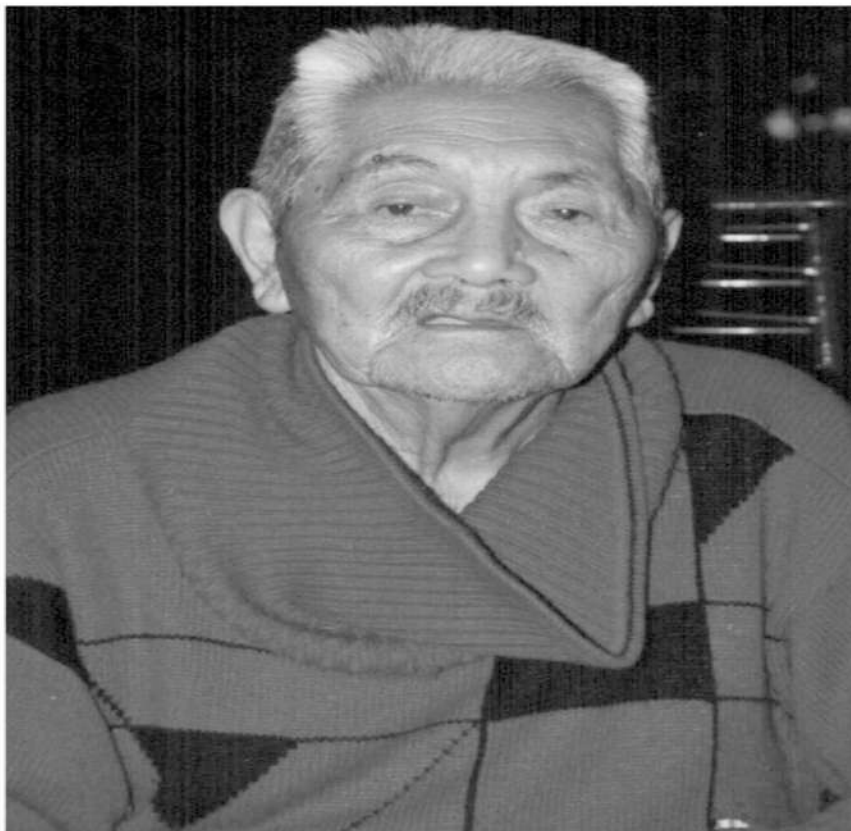
Essa liberdade engloba o “acesso aos diferentes lugares e às diferentes pessoas, às várias atividades domésticas, educacionais e rituais, enfim, a quase tudo o que acontece à sua volta” (NUNES, 2002, p. 71).

As crianças, nos primeiros anos de sua vida, “vivem uma permissividade quase sem limites, são onipresentes na aldeia e nas áreas circundantes, e punições quase não acontecem” (idem, p. 72).

Essa “aparente desordem” ou, “ordem vivida de outro modo, imersa num espírito lúdico, espontâneo e sem compromisso” é que estaria “no cerne de todo o processo educacional” indígena (idem, p. 72).

Liberdade, permissividade e autonomia, experimentando e participando da realidade concreta do dia-a-dia, seus conflitos e contradições, estão perfeitamente articuladas com aprendizagem e responsabilidades na vida, que nas comunidades indígenas iniciam muito cedo.

**Foto 1** – Cacique Armando Gabriel



**Fonte:** Arquivo da família (2003)

De acordo com o relato de Armando Gabriel os primeiros a viajar para a capital do Brasil, Rio de Janeiro, considerada naquela época, em 1935, em busca pela a demarcação da Terra Indígena da região de Córrego do Meio/Buriti, foram os Terena: Ernesto de Souza Filho, Sebastião Delgado e André Patrocínio.



Armando Gabriel foi cacique por mais de 03 décadas e manifestava sua revolta com as transformações do pós-guerra do Paraguai e sempre dizia que os Terena ganharam apenas três botinas por lutarem ao lado dos brasileiros na chamada *Guerra do Paraguai* (1864-1870): “duas no pé e uma na traseira”.

Em 1993, o Terena Armando Gabriel alegava que não tinha apoio por parte do SPI:

Naquele tempo o índio não tinha direito. O que o chefe [*do Posto*] falava tinha que obedecer, era autoridade e o índio respeitava. Se falava pra sair porque o governo tinha dado documento para o fazendeiro, aí saía, fazer o quê? Ninguém ia brigar com o governo... tinha medo!

Este contexto de violência e vulnerabilidade social, registra-se que os proprietários rurais (fazendeiros) da região contratam seguranças armados, os quais causam medo aos indígenas e servidores da FUNAI, acirrando ainda mais os conflitos e aumentando a possibilidade a possibilidade de conflitos diretos com vítimas humanas.

Observa-se presença considerável de crianças, mulheres e anciãos envolvida no trabalho cotidiano nas lavouras e inserida nos espaços de vivências da comunidade, pois a reocupação se dá de maneira permanente e acreditam que fazem parte de seu território tradicional, conforme já comprovado em estudos feitos pela FUNAI e a Justiça Federal.

## **2.2 Oziel Terena: O tronco para a luta na retomada na Terra Indígena Buriti**

Em 30 de maio de 2013, perdemos um guerreiro Terena, além de ser meu irmão. Numa reintegração de posse na Fazenda Buriti, Oziel Gabriel, aos 37 anos de idade, foi assassinado por um policial federal por munição 9 mm, com encamisamento tipo Gold, de exclusivo uso da polícia Federal, segundo a conclusão do inquérito da Ministério Público Federal (MPF).

Naquele momento histórico arriscamos nossas vidas nas retomadas de nossas terras. Me senti impotente diante da gravidade da situação e temendo novas mortes entre nossos filhos; porém, presenciei nossos filhos serem massacrados pelas forças públicas comandados por essa mesma mãe da nação. Ao invés de nos proteger ela fecha os olhos para não enxergar

nosso sofrimento e tapa os ouvidos para não escutar nossos gritos de dor e lamentos, se negando a resolver a questão e sequer se solidariza com a causa indígena ou se sensibiliza com a matança do nosso povo em nosso Estado. Que mãe é essa que aconchega os fortes e assassina os fracos?

Tiros foram disparados, dores e lamentos faziam o cenário naquele dia. Relembrar a cena é voltar ao passado e sentir o corpo estremecer. Mas também é fortalecer para retomar aquilo que um dia nos foi roubado.

A violência e o episódio, afirma o MPF, foi resultado de uma operação policial fracassada com graves erros, que não seguiu os procedimentos padrões. Meu irmão portava em suas mãos arco e flecha, e estava a cerca de 100 metros de distância do pelotão.

#### Depoimento do Cacique Gerilson Samuel:

Essa luta nós decidimos que não vai parar o sangue que correu aqui nessas terras, a vida que eles levaram do nosso irmão está doendo, não vai sarar, vai ficar para sempre no nosso coração, não há justiça que tire essa dor, ta sangrando por dentro. A justiça não vê o nosso lado, pensa que somos animais, nós temos direito a terra, está comprovada que é nossa e vamos continuar lutando. (GERILSON SAMUEL, junho de 2019)

#### A índia Terena professora Amélia Fermino relata:

Nós estamos sofrendo muito, tem muita dor, é uma ferida que abriu e não vai cicatrizar. A perda desse irmão não é uma derrota, ele não foi morto em vão, nós vamos, e sua memória continuar a nossa luta pelos nossos direitos e estamos aqui, ao lado do local onde ele morreu, protegendo as nossas terras, crianças e os nossos anciãos. (AMELIA FERMINO, maio de 2019)

O guerreiro Oziel Gabriel Terena representa o símbolo de sobrevivência e resistência dos povos indígenas pela luta do direito a terra que é lembrando em todas as atividades das Escolas da Terra Indígena Buriti. Na Aldeia Córrego do Meio, onde morava, o dia 30 de maio está oficialmente na matriz curricular das Escolas Indígenas a Memória Oziel Gabriel (MOG) diversas atividades como apresentação teatral da retomada, trabalhos de pesquisa, vídeos gravados e depoimentos dos participantes das retomadas. Também anualmente no mês de maio é realizada a Edição Musa Símbolo Resistência Terena “Oziel Vive”.

**Foto 2** – Concurso de Musa Símbolo Resistência Terena “Oziel Vive” Aldeia Córrego do Meio



**Fonte:** Arquivo do autor (2018)

Oziel Gabriel nasceu no dia 19 de setembro de 1976, indígena da Etnia Terena, filho de Evilásio Gabriel e de Maria de Fátima Clementino, 37anos, casado com Samir Mamedes. Teve 02 filhos: Jean Carlos Mamedes Gabriel, 18 anos, e Joezer Mamedes Gabriel, 15 anos. Era estudante da 1ª Fase - 2º Ano do Ensino Médio, do EJA da Escola Ndêti Reginaldo, localizada na Aldeia Indígena Água Azul / Dois Irmãos do Buriti. Evangélico, pertencia a Igreja

Uniedas da Aldeia Córrego do Meio. Era um grande Desportista, torcedor do São Paulo e nos últimos 06 anos de sua vida comandou um time amador, Sociedade Esportiva União Atlético.

**Foto 3** – Guerreiro Terena Oziel Gabriel



**Fonte:** Arquivo da família (2010)

Foi grande incentivador na área de esporte organizando vários Campeonatos Indígenas na região e foi idealizador da Copa Cacique Armando Gabriel. Servidor Público, função Auxiliar de Serviços Gerais.

Em 2004 ingressou como função Auxiliar de Serviços Gerais através de Concurso Público na cidade de Sidrolândia. Seu 1º mês de concurso trabalhou na Escola Municipal Porfíria Lopes de Nascimento em Sidrolândia e os últimos meses de 2004 trabalhou na Escola Municipal São Pedro no Assentamento São Pedro, no município de Sidrolândia.

Em 2005 foi remanejado para Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel onde permaneceu durante 12 anos e 04 meses. Em 2009 recebeu o Título de Melhor Funcionário do Ano da referida Escola.

**Foto 4** – Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel



**Fonte:** Arquivo da escola (2018)

Em 1987, com 11 anos de idade, teve a simpatia de conhecer e aprender a história da luta dos direitos constituídos na reivindicação dos Territórios Tradicionais através do seu avô Armando Gabriel que foi 38 anos como líder indígena – cacique - e protagonista nas áreas tradicionais indígenas.

**Foto 5** – Oziel Gabriel caracterizado para a luta



**Fonte:** Arquivo da família (2010)

A partir daí Oziel acompanhou o seu avô – in memoriam- nas várias viagens para Brasília em busca da efetivação das áreas reivindicada pelo povo Terena. Acompanhou também as ações de estudos antropológicos feitas pelos antropólogos no início de 2002 em diante. Sempre esteve nos movimentos sociais e nas ações de retomadas das áreas pertencentes aos povos originários da região de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia. Suas marcas características foram o Arco, Flecha e a Borduna, símbolo de sua cultura indígena Terena e de suas lutas frente às opressões sofridas pelos latifundiários.

**Foto 6** – Oziel Gabriel impondo seu arco e flecha em uma das áreas de retomada



**Fonte:** Arquivo da família (2013)

**Foto 7** – Forças policiais em confronto na área de retomada momentos antes do Oziel ser atingido



Figura 146: Quadro 59, aos 1:569. Indivíduo 4 eleva os braços, direcionado suposta arma curta na direção da mata.



Figura 151: Quadro 242, aos 08:075. Imagem mostra três indivíduos fora da mata, possivelmente indígenas, no canto superior esquerdo. Indivíduo 2 põe braço esquerdo próximo ao tórax.

**Fonte:** MPF/MS/2013

Oziel era e é um indígena símbolo de resistência de um povo que, através dos séculos, luta para manter viva sua cultura. Tinha no seu sangue a qualidade e a habilidade de positivar situações adversas ligadas ao antigo contato que foi deixado pelo poder colonial: mudanças bruscas nas paisagens, ecológica e social e, atualmente, o Estado Brasileiro tem reservado aos povos indígenas.

O guerreiro Oziel Gabrie, sua frase imemorial momentos antes de ser tombado pelas forças policiais:

“Não consigo ver meus irmãos indígenas sofrendo, tenho que ir, preciso ir, tenho coragem. Não me importo com os conflitos internos e as diferenças entre as Aldeias, pois o que quero é apenas, apenas a Conquista de nossas Terras...”(OZIEL GABRIEL, maio de 2013)



**Foto 8** – Terenas pedindo Justiça sobre a morte do Oziel em Campo Grande/MS



**Fonte:** Arquivo da família (2016)

**Foto 9** – Alunos da Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel homenageando o Guerreiro Oziel no desfile da Pátria



**Fonte:** Arquivo Sidrolândia News (2016)

**Significado:** Um ícone para os Povos Indígenas do Brasil em especial para os Terena.

**Ensino:** Suas vozes ecoam nas matas direcionando o rumo de nossas lutas e dos nossos limites tradicionais imemoriais.

**Legado:** Seu Arco e Flecha é que nos impulsionam a cada instante a reconquistar o que nos um dia foi nos roubados.

**Foto 10** – Oziel Terena sendo homenageado nos indígenas do Brasil



**Fonte:** Daiana Tukano (2018)

**Foto 11**– Guerreiros Terena em grito: Oziel Vive



Fonte: Arquivo da família (2013)

### **3.A ESCOLA INDÍGENA CACIQUE ARMANDO GABRIEL NA ALDEIA CÓRREGO DO MEIO E SUA INSERÇÃO NA AÇÃO SABERES INDÍGENAS**

A Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel está localizada a 28 Km do município de Sidrolândia, na Aldeia Córrego do Meio, Mato Grosso do Sul. A Escola Indígena chamava Escola Extensão Joaquim Teófilo e era extensão da Escola Municipal Arany Barcelos até o ano de 1996, onde funcionava salas multisseriadas com apenas 01 professor indígena chamado Eliseu Gabriel e que é atualmente professor concursado em 02 períodos, sendo 01 período aposentado. A Escola Arany Barcelos situava no município de Sidrolândia.

No ano de 1997 a Escola Indígena foi criada pelo Decreto nº 888 de 28 de agosto de 1996 com autorização do Ensino Fundamental. Seu corpo técnico administrativo: Diretor, Coordenador Pedagógico, Secretária Escolar, Auxiliares de Serviços Gerais, Zelador, Merendeira e vigia.

Indicado pela liderança indígena professor Samuel Dias como diretor escolar, ficando no período de 1997 a 2005. De 2006 a 2009 eu assumi a Direção Escolar indicado também pela liderança indígena. De 2010 a 2013 assumiu a professora Jersonita Sol Gabriel. De 2013 a 2016 passa a assumir a Direção Escolar professor Gildson Silva Gabriel. Entre 2017 a 2018 é nomeado para Direção professor Jader Gabriel Campos. Em janeiro de 2019 fui indicado pela liderança indígena para retornar à Direção da Escola Indígena, depois de 6 anos atuando nas escolas urbanas de Sidrolândia-MS.

A Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel possui como mantenedora a Prefeitura Municipal de Sidrolândia. Tem na sua matriz curricular própria, com suas partes diversificadas onde consta a disciplina Língua Materna Terena.

Em 2019, a Escola Indígena Cacique Armando Gabriel consta com 01 Diretor, 01 Coordenador Pedagógico, 02 secretários Escolares, 01 vigia, 07 zeladores (04 concursados e

03 convocados), 03 merendeiras convocados, 01 auxiliar de Educação Infantil, 10 professores concursados, 09 professores convocados, Assistente Educacional e 01 Assistente do Programa Mais Alfabetização. A Escola Indígena Cacique Armando Gabriel oferta da Educação Infantil ao 9º Ano e o Projeto Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O quadro de servidores são todos indígenas da etnia Terena e os professores todos habilitados nas áreas específicas. Possui Associação de Pais e Mestres (APM) inscrita no Cadastro de Nacional de Pessoa Jurídica sob o nº 02.377.791/000-07. Em 2019 possui 210 alunos matriculados e 68 alunos matriculados na Extensão Aide Souza.

A Escola Aide de Souza é uma Extensão da Escola Indígena Cacique Armando Gabriel e está localizada na Aldeia Nova Nascente. Aldeia Nova Nascente está situada no perímetro urbano de Sidrolândia. A Escola Extensão oferta da Educação Infantil ao 4º Ano, possui 06 professores convocados e 03 merendeiras vinculados ao Projeto a Rua É Nossa.

Os alunos são das aldeias adjacentes da Aldeia Córrego do Meio onde está localizada a Escola Indígena Cacique Armando Gabriel e também alunos das áreas de retomadas. Possui 02 transportes escolares. Possui 06 salas de aula construídas de alvenarias, 02 banheiros, 01 secretaria, 01 cozinha, 01 dispensa, 01 almoxarifado, 01 pátio e 01 campo de futebol.

O corpo docente consta com 40% que possui pós-graduação em educação. A estrutura física da escola foi construída de acordo com o padrão das escolas da Rede Municipal de Educação. A pintura e o formato da escola não atendem aos padrões para um contexto diferenciado e específicos, sobressaindo ainda padrões eurocêntrico, não tendo dessa forma uma consulta prévia a comunidade indígena atendendo a convenção 169<sup>2</sup>. Diante do não cumprimento desse direito, a comunidade indígena vem, ainda que de pouca expressão, vem de maneira gradativa lutando pela efetivação dos nossos anseios de como queremos a educação escolar indígena. A Escola Indígena Cacique Armando Gabriel sempre participou das ações de retomada das áreas e essa atitude de enfrentamento é resposta das decisões da Comunidade Indígena através do seu líder maior, o Cacique.

É pensando dessa forma que a Escola Indígena tem fortalecido contrariando as imposições do sistema que procuram sufocar e dizimar os povos indígenas. É importante registrar que as tomadas das decisões no que se refere aos caminhos a percorrer pela comunidade indígena é sempre ouvindo com exclusividade os anciãos Terena. A Escola Indígena Cacique sempre tem valorizado a presença e parceria dos acadêmicos indígenas, lideranças tribais, professores, mulheres Terena, jovens, crianças para de forma coletiva

---

<sup>2</sup> Convenção sobre os Povos Indígenas e Tribais, 1989 é uma convenção da Organização Internacional do Trabalho, também conhecida internacionalmente como a ILO 169 ou C169. Esta é a convenção internacional mandatória que diz respeito aos povos indígenas, e foi criada na sequência dos princípios anunciados na Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas

reconquistar os nossos territórios que um dia nos foram tirados.

A pesquisa desenvolvida aponta para um momento em que se verifica a escola diferenciada para os povos indígenas como uma conquista recente, mais precisamente com a promulgação da Constituição Federal de 1988.

Segundo Souza (2013, p. 97):

[...] a escolarização dos povos indígenas sempre esteve atrelada as políticas do estado, na busca de uma educação assimiladora e integracionista da cultura ocidental e da língua nacional (português), objetivando preparar o índio para a civilização, para a globalização, visando à homogeneização cultural.

É a partir de então que outros dispositivos legais são formulados em favor dos direitos dos povos indígenas (entre eles o da escola indígena diferenciada), como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/1996 - LDBEN; o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI (1998); o Parecer 14/1999 que trata sobre a fundamentação da educação indígena e determina a estrutura e funcionamento da escola indígena e propõe ações concretas em prol da educação escolar indígena; Resolução CNE/CEB nº 5, de 22 de dezembro de 2012 que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica.

Considerando que a escola indígena é um dos principais espaços para refletir, ensinar e aprender sobre os diferentes grupos étnico/raciais que formam a variedade de culturas do país é de extrema relevância que as escolas explorem temáticas que possibilitem a discussão acerca da origem e da influência de povos indígenas na construção do país.

Por ser o Brasil um país onde seus primeiros habitantes foram os povos indígenas e dos quais grandes partes da população brasileira são descendentes dos mesmos, nada mais importante de que se conhecer a história e cultura dos povos indígenas, garantido pela lei 11645/2008 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “ História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

**Foto: 12** – Formatura da criança Terena na Educação Infantil



**Fonte:** Arquivo do autor (2018)

### **3.1 Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel: Olhares de dentro**

O Brasil apresenta uma grande diversidade cultural e racial, e, no entanto, a discussão quanto à questão é inversamente proporcional. Assim o professor não tem tido a oportunidade de melhor se preparar para enfrentar tal problemática, escondido atrás da suposta democracia cultural e racial que influencia pensamento de brasileiros, de todas as classes sociais.

Historicamente este processo efetivou-se inicialmente, por impregnação cultural, ou seja, assimilação e intercâmbio de valores culturais, de normas de vida coletiva, de representações simbólicas.

Na vida profissional, o professor defronta-se com múltiplas situações para as quais não encontra respostas pré-elaboradas, com relação a pluralidade cultural. As ausências de tais conhecimentos obrigam hoje as universidades introduzir o debate sobre as relações culturais e raciais na escola.

Perfilados e sentadas ombro a ombro, os alunos se encontram na sala de aula e um olhar sobre esse quadro transmite ao observador a sensação de uma relação harmoniosa entre adultos e crianças: negros, brancos, indígenas, etc.



No recreio, a alegria das crianças é visível: escorregador, gangorra, balanço. Nesse contexto, a formação multiétnica traduz bem a sociedade brasileira: diversas culturas em situação de relação diária, na escola, representando assim um espaço para os exercícios das relações multiculturais.

De acordo com o professor Terena Jeder Gabriel Campos (2018): “É de grande importância que a comunidade indígena decida o que vai ser ensinado na nossa escola indígena, respeitando nossa tradição bem como a nossa cultura”.

Nesse contexto o caminho de maior expressão de vida do Terena e sua capacidade de transmitir as crianças vem em primeiro lugar dos pais os ensinamentos básicos que lhes servirão para toda a vida. No ambiente escolar o professor representa o elemento que integra todas as realidades e as desenvolve. Ser Terena, ter cultura Terena e transmitir espírito Terena é a missão do professor. Por isso um professor não Terena é um crime no processo vital da aldeia.

A criança ocupa o lugar central na etnia Terena. O cuidado não é só dos pais, mas sim de todos nós indígenas. O relacionamento com a criança Terena é mais tolerante, paciente e acessível. Não usam repreensão constantemente, e críticas e cobranças são raras. Os mais velhos são valorizados e úteis.

Grupioni (2000), entende a Educação Indígena como sendo “as práticas tradicionais de socialização e transmissão de conhecimentos próprios a cada sociedade indígena”. Essa denominação engloba também os:

[...] processos pelos quais uma sociedade internaliza em seus membros um modo próprio e específico de ser, que garanta sua sobrevivência e reprodução, ao longo de gerações, possibilitando que valores e atitudes considerados fundamentais sejam transmitidos e perpetuados (GRUPIONI, 2000, p. 274).

Percebe-se que é a através da Educação Indígena que são transmitidos seus saberes milenares que é de fundamental importância para a preservação de sua cultura e de sua identidade, pois são eles que os fazem ser diferentes dos demais povos.

A Educação para Índios, segundo (GRUPIONI, 2000), nos últimos anos, passou a ser chamada de Educação Escolar Indígena, sendo definida como:

O conjunto de práticas e intervenções que decorrem da situação de inserção dos povos indígenas na sociedade nacional, envolvendo agentes, conhecimentos e instituições, até então estranhos à vida indígena, voltados à introdução da escola e do letramento (GRUPIONI, 2000, p. 274).

Para Cavalcante (2003, p. 17-18), as “escolas indígenas” foram construídas em meio a inúmeras contradições e enfrentam o desafio de descobrirem caminhos próprios; além de muitos outros desafios, que se agravam por terem como “modelo” uma instituição estranha, que não faz parte de sua tradição. “Daí o reconhecimento dos indígenas da necessidade de terem uma escola que sem perder suas especificidades incorpore conhecimentos da sociedade envolvida”.

Para Paiva (2011, p. 283) os indígenas: “Educação é a aprendizagem da forma de ser”. A Educação definida por Paiva “como a aprendizagem da forma de ser” aplica-se a qualquer sociedade. A diferença fica por conta da forma de ser das pessoas. Ao ser tratar da educação indígena, neste sentido, não é diferente, pois por meio dela o indígena se perpetua o seu modo de ser, nos costumes, na sua visão de mundo, nas relações com os outros, na sua religião.

Para os indígenas, a garantia da continuidade do grupo étnico depende tanto dos ensinamentos, quanto do respeito a tradição, as outras pessoas, a natureza e aos seres sobrenaturais, ou seja, apenas viver para ensinar e aprender.

#### **4. A PRODUÇÃO DOS SABERES/CONHECIMENTOS INDÍGENAS E SEU REGISTRO NA AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA NA ALDEIA CÓRREGO DO MEIO**

Apesar da descontinuidade das políticas públicas para formação de professores indígenas e da insegurança pedagógica e despreparo de muitos gestores municipais, a perspectiva de valorização dos saberes foi retomada com a Ação Saberes na Indígenas Escola Indígena. Este projeto herdou uma equipe com experiência em educação diferenciada, mas também a resistência dos defensores da integração que subalterniza os indígenas, continua excluindo os excluídos e mantendo o status daqueles que estão no topo da pirâmide.

Para Bhabha (1998, p. 29), a fronteira é

A atividade negadora e, de fato, a intervenção do “além” que estabelece uma fronteira: uma ponta onde o “fazer-se presente” começa porque capta algo do espírito de distanciamento que acompanha a re-lação do lar e do mundo – o estranhamento – que é a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais.

A Ação Saberes indígenas na Escola é uma política estabelecida pelo Ministério da Educação e integrante do Programa Nacional dos Territórios Etnoeducacionais e realizada por meio de uma parceria existente entre os governos federal e Estadual, os municípios de Mato Grosso do Sul e as Universidades: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e a Universidade Católica do Bosco (UCDB).

A Ação Saberes Indígenas na Escola é uma ação que busca promover a formação continuada de professores da educação escolar indígena onde oferece recursos didáticos e pedagógicos que atendam às especificidades da organização bem como planejamentos das ações de alfabetização e numeramento na língua materna.

Observa-se a realidade sociolinguística das terras indígenas, aldeias e acampamentos dos dois etnoterritórios: Povos do Pantanal formado pelas etnias Terena, Guató, Kadiwéu, Kinikinau, Atikum, Ofaye e Cone Sul, formado pela etnia Guarani e Kaiowá. Essa pesquisa tem seu foco no etnoterritório Povos do Pantanal.

A Ação Saberes Indígenas na escola é um programa do Ministério da Educação, vigente desde 2013, construído a partir do PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa). A diferença entre os programas PNAIC e os Saberes está na especificidade, pois os Saberes é voltado exclusivamente para a formação continuada de professores indígenas.

O projeto, instituído por portaria MEC nº 1061, de 30 de outubro de 2013, destina-se a formação continuada de professores indígenas de Educação Básica com aprimoramento das atividades didático-pedagógicas, oferecer subsídios na elaboração de currículos, definição de metodologias e processos de avaliação que atendam as especificidades dos processos de letramentos, numeramento e conhecimentos dos povos indígenas e fomentar a elaboração de matérias didáticos de acordo com a especificidades da Educação Escolar indígenas.

A cultura indígena é um projeto indígena de um povo indígena. Cada povo (etnia) já traz um projeto de vida desde as origens da humanidade e do mundo (mito de origem do homem e do mundo).

São dotadas de saberes e riquezas para que ela tenha uma identidade própria e diferente de outras etnias. A cultura indígena é o conjunto de sentido e significados; de valores e critérios que os membros de uma etnia estabelecem para o funcionamento equilibrado do grupo. As culturas indígenas no plural são os produtos humanos de diversas etnias. Os indígenas criam e recriam a vida. E por este motivo estão marcadas pelos seus limites, superações e conquistas.

A relação com o saber envolve o sujeito e tudo que existe ao seu redor: desde as atividades mais simples e corriqueiras aos objetos dos quais o sujeito tem contato, inclusive consigo mesmo. O saber, por sua vez, constitui-se através de um conjunto de relações, tanto pessoais quanto interpessoais, a partir das quais o sujeito possa aprender, possa internalizá-las

em forma de saber. Para que esse saber aconteça é necessário que o sujeito atribua significado a ele.

Nessa perspectiva, observamos que o saber decorre da necessidade que o sujeito tem de aprender através de determinadas ações, mas que esse aprendizado tenha importância para sua vida. Logo, o sujeito é um ser que vive em sociedade. E, sendo essa sociedade um lugar de atividades, ele tem necessidade de estar sempre em movimento, comunicando-se com os demais. Por esse motivo ele precisa estar sempre se aperfeiçoando.

É nesse contexto de aperfeiçoamento e estratégias próprias de desenvolvimento do saber que Melliá salienta que “a educação indígena permite que o modo de ser e a cultura venham a se reproduzir nas novas gerações, mas também que essas sociedades encarem com relativo sucesso situações novas” (MELLIÁ, 1999, p.12).

Na Escola Indígena Cacique Armando Gabriel os saberes indígenas ou conhecimentos tradicionais não se encontram só nos textos, pois embora haja boas publicações e teses a respeito, eles são ritualísticos, artísticos e orais. Os saberes são cantados, dançados, rezados, desenhados e, sobretudo, vividos cotidianamente. Os saberes tradicionais são anteriores da ciência ocidental, resguardado pela escola, mas foram na modernidade, controlados pela ciência que se assenta sujeito-objeto, opondo sociedade e ciência.

Na Escola Cacique Armando Gabriel a composição da Ação Saberes foram: Professor Dr. Antônio Hilário Aquilera Urquiza (Coordenador Regional), Professora Viviane Matzenbacher (Supervisora na Ação Saberes Indígenas na Escola, Núcleo/UFMS) Professor Fernando Azambuja (Professor Formador), Professor Lourenço Rodrigues (Coordenador Municipal), Professor Jader Gabriel Campos (Orientador), Professor Jeder Gabriel Campos (Pesquisador), Professora Jersonita Sol Gabriel (Pesquisadora) e Professores Cursistas: Gildson Silva Gabriel, Rozilene Vitorino Delfino Gabriel, Zia Gabriel Marcos, Alexandre Silva Alves, Armando Jorge Gabriel Neto, Messias Sol Dias, Samuel Dias, Dionísio Vitorino Delfino, Laucidio Jorge, Mateus Soares Júnior, Gesilaine Fátima Gabriel, Leozaine Gabriel Reginaldo, Genivaldo Antônio Campos, Aparecido Alves, Denize Antônio Campos, Elizabete Dias, Paulo Roberto Messias, Leonardo Reginaldo Filho e Jabez Gabriel.

Para os professores indígenas participantes da formação continuada foram contempladas com bolsa de estudo e pesquisa. Os encontros se deram todos os sábados de cada mês nos períodos matutino e vespertino.

**Foto 13:** - Mapa de localização da Escola Cacique Armando Gabriel



**Fonte:** Arquivo da Escola (2018)

#### **4.1 O projeto Ação Saberes na Escola: ações e fazeres na produção do material didático**

Os formadores da Ação Saberes Indígenas na Escola que atuaram na Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel que compõe a Terra Indígena Buriti foram desenvolvidas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

A escola atende os estudantes da Educação Infantil (04 e 05 anos), Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Todos os professores são da etnia Terena. Observa-se que os professores tiveram suas escolarizações através da integração colonizadora, ou seja, subalterna.

Durante a formação continuada ‘Ação Saberes Indígenas na Escola’ foram apresentadas a Comunidade Escolar o espetáculo da cultura Terena. Os anciãos Terena que semearam a semente de resistência e do trabalho, do diálogo intercultural e da educação nos corações e mentes de seus descendentes teve e tem motivos para se orgulharem das novas

gerações. Os Terena de hoje despontam com grande entusiasmo e potencialidade, num convívio social produtivo e enriquecedor, como para “brancos” como para os indígenas.

A Ação Saberes na Escola foi implantada no ano de 2016 com seu término no ano de 2018. Os professores que participaram dos encontros e produções de matérias didáticas foram: Professor Lourenço Rodrigues Mamedes (Coordenador Municipal), Professor Jader Gabriel Campos (Orientador), Professor Jeder Gabriel Campos (Pesquisador), Professora Jersonita Sol Gabriel (Pesquisadora) e Professores Cursistas: Gildson Silva Gabriel, Rozilene Vitorino Delfino Gabriel, Zia Gabriel Marcos, Alexandre Silva Alves, Armando Jorge Gabriel Neto, Messias Sol Dias, Samuel Dias, Dionísio Vitorino Delfino, Laucídio Jorge, Mateus Soares Júnior, Gesilaine Fátima Gabriel, Leozaine Gabriel Reginaldo, Genivaldo Antonio Campos, Aparecido Alves, Denize Antônio Campos, Elizabete Dias, Paulo Roberto Messias, Leonardo Reginaldo Filho e Jabez Gabriel.

Durante toda a implantação da Ação Saberes Indígenas na Escola na Escola Indígena Cacique Armando Gabriel desenvolveu-se os trabalhos mensalmente nos encontros, onde foram abordados assuntos como: finalização dos textos, desenhos e atividades da turma de séries iniciais, distribuição dos temas para a realização dos trabalhos de produção textual. A partir daí os professores puderam ter o norteamento que cada grupo tomaria para elaboração e desenvolvimento melhor de seus trabalhos.

Após as discussões foram definidos os principais temas entre os professores Terena: Meios de Transportes, Educação Social, Casamentos Tradicionais, Vegetação, Tipos de Árvores, Vestuários Terena. Ao todo foram elencados 15 temas que foram distribuídos aos grupos.

Os documentos eram enviados mensalmente através dos orientadores de Estudos: Professor Jader Gabriel Campos, Jersonita Gabriel Sol. Professor Fernando Azambuja da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul era o formador. Professor Jeder Gabriel de Campos era professor pesquisador e professor Lourenço como Coordenador Municipal e a professora Viviane Matzenbacher supervisora na Ação Saberes Indígenas na Escola – Núcleo/UFMS - Formação para a região da Terra Indígena Buriti.

Para o professor Jader Gabriel Campos:

A nossa cultura é muito rica e através dela podemos explorar muito essa aprendizagem que vem passando de geração em geração. A experiência dos educandos é muito satisfatória, pois esse momento é um passo que damos ao rumo de nossa conquista e libertação curricular. Sabemos que estávamos restritos a uma metodologia e ensino ocidental, mas o Saberes Indígenas, através de sua ação tem nos orientado sobre nossa verdadeira identidade e tem auxiliado avançar rumo a nossa autonomia. (JADER GABRIEL CAMPOS, julho de 2018)

Em 2018 foi finalizado a Ação Saberes Indígenas na Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel.

Para os professores e a direção escolar, em 2020, existem uma grande possibilidade para a finalização do projeto das cartilhas, desenvolvida durante os Saberes Indígenas na Escola na Escola Indígena Cacique Armando Gabriel, em parceria com Secretaria de Desenvolvimento e do Meio Ambiente de Sidrolândia no tocante ao recurso do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços ( ICMS) com o ICMS Ecológico, por se tratar de um município que possui Terra Indígena (TI) que em seus territórios preservam a biodiversidade.

No depoimento do orientador de estudo professor Jader Gabriel Campos fica óbvio de que a educação escolar intercultural deve se articular com as pedagogias indígenas atuantes na formação das novas gerações e na transmissão de saberes, valores e tradições que dinamizam a produção e reprodução das diferenças culturais.

E todos os trabalhos didáticos específicos a realidade sociocultural tem uma importância valor social dos autores, fundamentadas em pesquisas feitas com os sábios da comunidade durante a formação continuadas dos professores indígenas.

Os materiais didáticos contribuirão para nosso auxílio, como professores Terena, no processo de ensino-aprendizagem. Assim, também, apresenta-se como um aliado, na construção do conhecimento e proporcionar uma aprendizagem significativa e contextualizada ao aluno.



## 4.2 Arapuca e paris: os desafios na produção de material didático-pedagógicos

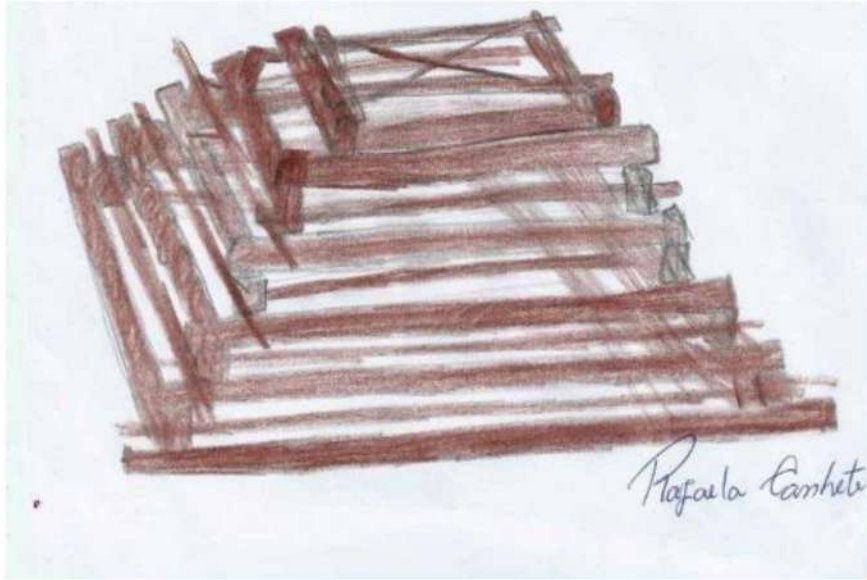
Desde pequeno eu aprendi com meu avô Terena Armando Gabriel a confeccionar a “arapuca” e o “paris” pois ele era habilidoso em confeccionar e detectar a localidade em que pudesse apreender com facilidade a arte do fazer. A ausência de material para a construção desta armadilha se tornou cada vez mais difícil, em função da destruição das matas pelos fazendeiros e que na Aldeia Córrego do Meio as áreas de florestas se tornaram cada vez mais escassos.



### ARAPUCA

No passado na nossa etnia Terena da Aldeia Córrego do Meio, município de Sidrolândia, MS, vivia-se da caça que era o meio de sobrevivência e sustento de suas famílias, onde surgiu a Arapuca. Armadilha feita de pauzinhos para apanhar pássaros. A construção da arapuca era feita de pedaços de paus, e taquaras, e cipós ou arame, onde é capturado nambu, pomba, rolinha, perdiz, conforme o tamanho do pássaro era construído a arapuca.

O pássaro capturado era retirado da arapuca com uma forquilha que apertava sua cabeça na terra, por muitas vezes os pássaros ficavam tão furiosos, com sua captura que bicavam e podiam até machucar as mãos dos caçadores, que geralmente eram meninos. O pássaro capturado era depenado onde era retirada toda a sua pena, suas vísceras (tripas) e lavado com água. Picavam em pedaços, temperavam com sal, feito bem frito acompanhado sempre de um bom arroz branco bem solto.





## PARÍS

Ao longo de sua vida o Terena passou por muitos aprendizados e aprendeu dos mais diferentes jeitos de buscar o sustento para sua família. Um deles é o Parí que é uma armadilha para capturar peixes. As crianças indígenas Terena, por exemplo, aprendem muita coisa com seus pais e parentes mais velhos como anciãos. O Parí é feito de madeira, ou taboca.



Depois de pronto, procura-se a parte mais estreita do leito do rio onde as tabocas ou madeira servem como represa, forçando o peixe a pular o cerco. Ao pular cai numa parte rasa que dificulta o seu movimento na água, devido a falta de profundidade. A preparação do peixe é assada ou frita que acompanha suas refeições do dia-dia.

A partir de uma reflexão, apresenta-se alguns trabalhos, denominados materiais didáticos, construídos pelos professores Terena da Escola Municipal Indígena Cacique Armando Gabriel.



### O MILHO (ENEPONE SOPÔRO)

O milho é cultivado em nossa aldeia terena, dele fazemos bolo, farinha e mingau.

O bolo faz de milho verde e também de milho seco, rala o milho e depois tempera com leite, sal ou açúcar como preferir, é assado na panela de ferro no fogão de lenha aquecido por muita brasa.



O mingau faz de milho verde, rala-se o milho e tempera com sal ou açúcar como preferir e coloca para cozinhar no fogão de lenha.

A farinha de milho (IPUNÛPAE), é feita de milho seco, debulha o milho, depois coloca o milho na panela e leva ao fogo para torrar até ficar bem vermelhinho, tira da panela e coloca no pilão ainda quente para ser socado, socar o milho até se tornar uma farinha, tempera

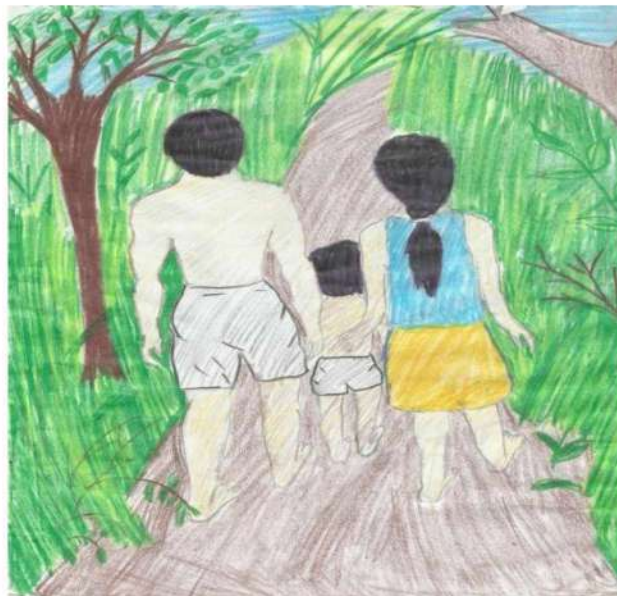
com sal ou açúcar como preferir. Está pronto o *ipunîpae*, serve para comer com carne seca de animais de caça se for de sal ou como sobremesa se for de doce.



### **Coco assado**

Nossos avós tinha o costume de se reunir todos os dias de manhã em volta do fogo para tomar o delicioso chimarrão, onde que se contavam histórias indígenas e preparavam também as comidas típicas. Dentre estas comidas podemos destacar “o coco-assado” pois naquele tempo o único meio de alimentar seus filhos eram as comidas típicas de nossa Aldeia Córrego do Meio.

O pai ou a mãe, que iam catar os cocos, onde os filhos tinham que ir juntos, às 5:00 horas da manhã, eles iam para ir pegar a fruta. Os pais estavam sempre à frente, pois tinham que proteger seus filhos de animais peçonhentos e outros no meio do caminho.



Ao chegar ao pé de coco os cuidados eram ainda maior, principalmente ao pegar o coco.

Os pais na época também tinham como principal objetivo de ensinar os filhos a maneira de sobrevivência, por isso a importância de andar cedo em busca de alimentação, que futuramente os ajudaria na sua vida.

Vamos ver passo a passo como o coco era assado.



**1º passo:** pegava-se o coco e batia com um pedaço de pau, para não estourar a casca e causar acidente em alguém da família

**2º passo:** enterrar-se o coco na brasa, aproximadamente 15 minutos para poder ser saboreado por todos.

**3º passo:** tirar da brasa e deixar esfriar .

**4º passo;** Descascar cortar e dar aos filhos e todos da família, para saborearem dessa comida tipicamente Indígena Terena.

## ABÓBORA

A abobora é uma planta rasteira que é plantada na lavoura dos Terena da Aldeia Córrego Do Meio, os Terena espera 65 dias para a colheita, além disso, é uma excelente alimentação do Povo Terena.

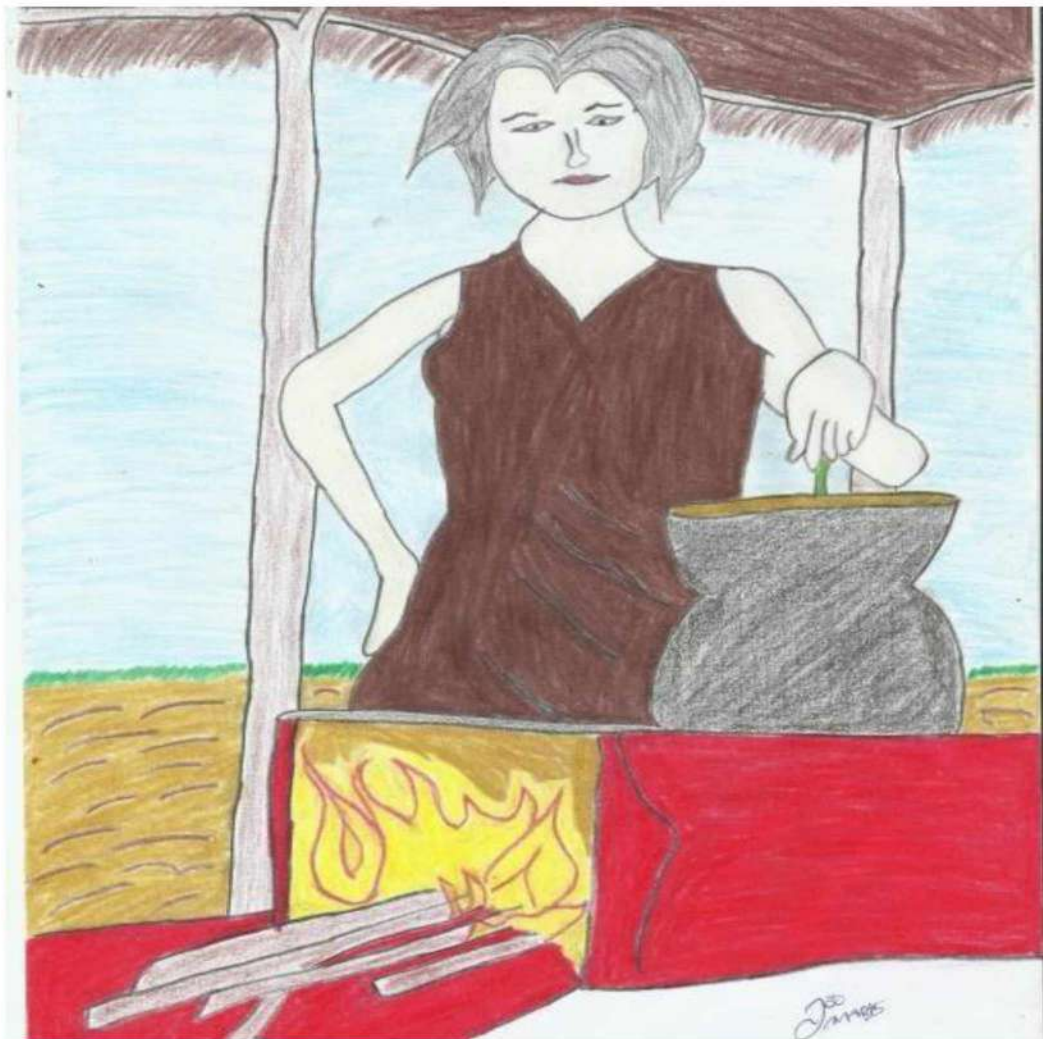


Os Terena preparam a abobora da seguinte forma:

Cozinha ficando bem enxuta come com arroz, leite. Além, disso os Terena fazem com a Abóbora um excelente doce para uma boa sobremesa.

## PAÇOCA DE CASTANHA

Os Terena da Aldeia Córrego do Meio costumavam se alimentar de paçoca feita de castanha.







Os Pais iam junto com os seus filhos procurar coquinhos de bocaiuva, e depois de quebrar todos os cocos, eles iam até um pilão e começavam a socar as castanhas. Depois misturavam as castanhas com farinha de mandioca.

E todos saboreavam juntos, a deliciosa paçoca de castanha.





### **ARROZ TORRADO**

O arroz é um prato preferido do Povo Brasileiro e também da Etnia Terena, é um produto que se planta no clima de verão quando a chuva é intensa.

Quando o arroz já está pronto para colheita, os Terena colhem através de cachinhos e em um couro de vaca, e com os pés debulha, retirando sua casca. Feito isso, uma panela de ferro é colocada no fogão de lenha. Começa a mexer e no espaço de 10 minutos o arroz já está torrado e pronto para o processo de passar por um pilão e ser socado, depois é abanado, e escolhido, descartando os grãos que não foram descascados, feito isso o arroz já está pronto para ser cozinhado e servido com um gosto de 100% natural.



### O SEMERI (ARROZ SEM SAL E OLÉO)

O *semeri* é uma comida que os Terena se alimentavam principalmente nos jantares, pois ser uma comida mais leve, e não conter óleo nem sal. Sua preparação é simples.



Modo de preparar o *semeri*:

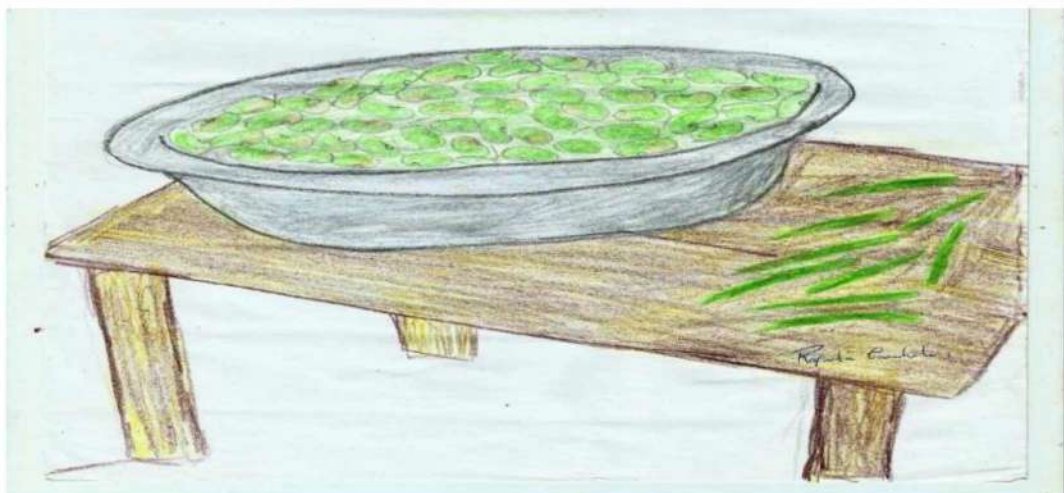
Em uma panela, colocam-se três copos de água, e deixe ferver. Em seguida coloque um copo de arroz na água fervente, tampe a panela e deixe ferver até secar a água e o

arroz estiver bem mole. Assim está pronto o *semerî* e pode ser misturado com carne assada, ou carne socada no pilão.



### O FEIJO MIÚDO (KAREOKE)

O feijão *kareoké* é um alimento nutritivo que faz parte ainda hoje da culinária dos Terena da Aldeia Córrego do Meio. No passado como de costume todo o grupo familiar estavam envolvidos nas etapas de produções: preparo do solo, plantio e colheita. Muitas vezes na falta de outros alimentos era servido apenas o feijão *kareoké* para os filhos.



O feijão miúdo era preparado pelas mães que cozinhavam com casca e tudo e em seguida o alimento era debulhado e consumido. Todos ficavam satisfeitos principalmente porque os anciões falavam que quem consumia ficava forte (*xínati*).

Até hoje a produção do feijão *kareoké* faz parte do cotidiano da comunidade indígena, que é plantado nos quintais e roças. O modo de preparar o alimento para ser consumido é totalmente diferente do passado, atualmente, a maioria das famílias utilizam fogão a gás e no passado era feito no fogão a lenha. O mais importante é que ainda provamos essa comida típica e o prazer de manter a cultura Terena viva.



### COMIDA INDÍGENA TERENA O LAPAPÉ

O *lapapé* é uma das comidas preferidas da família Terena da Aldeia Córrego do Meio, pois faz parte da cultura indígena Terena. É natural que cada família se programe para preparar a comida. Normalmente a família quando vai fazer esse alimento convida os filhos para ir a roça arrancar mandioca em uma quantidade certa e colocar num '*sapiko*' a' e ombrear ou trazer na cabeça.

Chegando em casa sentam em forma de roda para descascar as mandiocas e em seguida lavar, deixando limpa para poder ralar.





Cada pessoa envolvida na preparação tem uma missão. Para a comida Terena ficar pronta é necessários os envolvimentos de todos. O *Lapapé* é feito de polvilho seco, mas antes de ficar em forma de polvilho seco, existe um processo: primeiro uma pessoa amarra um pano seco num esteio da ramada e a pessoa que vai torcer fica de frente para o esteio e começa a colocar pouco a pouco a massa molhada no pano, torcendo até ficar seca e virar polvilho.



Após feito esse processo, o polvilho seco é colocado em uma panela que está no fogo, em seguida é torrado com uma temperatura certa. Algum tempo depois é retirado do fogo que é colocado no jirau, para o esfriamento e depois é só comer o *Lapapé*. É delicioso! Esta é uma comida preciosa da família que resolveu fazer para comer. É uma comida para degustar aos poucos, ir tirando um pedaço de cada vez e comendo aos poucos.





## CASTANHAS

A castanha de coco é uma das comidas preferidas das crianças e das pessoas adultas da Aldeia Córrego do Meio. A castanha pode ser quebrada em qualquer hora do dia, e serve como alimento. As variedades de castanhas mais comuns e consumidas pelos Terena são bocaiuva que é conhecida como coco ou Imukaia, guariroba e bacuri. Quando a família vai ao mato pegar lenha seca para colocar no fogo, normalmente a criança vai junto com a mãe levando em sua mão uma sacola para colocar guariroba ou bocaiuva seca, para quando chegar em casa a criança quebrar o coco.





Para quebrar o coco a criança senta no chão ou num toco em frente de uma pedra. E com outra pedra menor começa a quebrar o coco. E no mesmo momento a criança vai se deliciando das castanhas que também quando quebradas em grandes quantidades são colocadas num copo para depois comerem juntamente com outras crianças.



### COMIDA INDÍGENA TERENA (*Hi,Hi*)

O *hihi* também é uma comida típica Indígena Terena da Aldeia Córrego do Meio. Para fazer o *hihi* é necessário programar o dia ideal para preparar essa comida. O grupo familiar é convocado para ir a roça arrancar mandioca em uma quantidade certa e colocar em saco e ombrear ou trazer na cabeça. Retornando para casa em fila carregando o produto, alguns conversam entre si, outros não, devido a distância e o peso da mandioca.



Chegando em casa se reúnem na ramada ou numa sombra fresca (Pé de Manga ou Pé de Laranja) em forma de roda. Sentam no banco ou num toco e começam a descascar a mandioca sempre conversando entre si e sorrindo. As mandiocas descascadas vão para uma vasilha para serem lavadas e depois raladas. Cada pessoa envolvida na preparação tem uma função: ralar as mandiocas, outra vai acender o fogo de lenha e colar a água numa panela para cozinhar.





Para ficar pronto o *Hi,Hi* precisa ralar a mandioca até ficar em forma de massa e depois colocar em cima de pedaços de folha de banana depois dobrar e amarrar com uma embira. Após feito uma quantidade ideal leva até a panela com água onde que está no fogo, coloca na água quente e deixa ferver sem deixar secar a água na panela.

É importante frisar que está havendo uma ressignificação na arte do saber fabricar a cerâmica indígena devido à dificuldade gradativa de acesso aos espaços próximos aos rios, onde havia bastante matéria-prima, ficando limitadas áreas desprovidas de recursos naturais.

O ancião Terena Eliseu Gabriel, participante do programa Ação Saberes na Escola, fala sobre a importância da formação continuada no trabalho com a cerâmica Terena na revitalização da arte Terena:

Há muitos anos não haviam panelas de ferro para cozinhar, tínhamos nossas vasilhas para cozinha e se alimentar. Os Terena buscavam argila e as terena amassavam o barro e faziam as vasilhas. É uma alegria para nós, os Terena, retomando e voltando a fazer cerâmica.(ELISEU GABRIEL, maio de 2018).

O trabalho do Terena sobre as cerâmicas tem uma imensa relação com os grafismos e pinturas e com isso relacionam a tradição e a memória Terena, revitalizando e ressignificando a forma de expressão artística quase morta.

Segundo professor Samuel Dias, ex diretor e coordenador da Escola Cacique Armando Gabriel:

É preciso ser protagonista da nossa própria história. A responsabilidade diante dos alunos indígenas aumenta. Trazer a memória dos nossos antepassados no presente para fortalecer a nossa identidade. E a Ação Saberes Indígena aqui na Escola nos proporciona isso.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre acompanhei e participei das iniciativas no sentido de reocupação das terras tradicionais dos Terena, pois estão presentes em mim as memórias das violências sofridas pelos meus avós, pelo meu irmão Terena Oziel Gabriel e outras famílias Terena.

O interesse em pesquisar o programa Ação Saberes Indígenas na Escola é uma busca de vivenciar os nossos saberes tradicionais e compreender que esses são pluri-epistêmico, multi e intercultural e por perceber que nossos saberes enfrentam um mundo de preconceitos, pois o processo de denominação impõe que os saberes indígenas, não são ninguém, destituídos de humanidade, do pensamento, expressividades, negando a diversidade e impondo uma única condição: deixar de quem ser era para ser outro.

É notório observar que os marcadores temporais estão presentes na cultura Terena sob a forma de representações cognitivas, mapas mentais, memórias cronológicas, por meio de ritos ou mitologia. Todas essas ações são determinadas pela herança histórica e cultural Terena, todos esses signos carregados de significados, crença, religiosidade, são convertidos em marcadores espaço-temporais.

A tradição oral, rituais, saberes, a relação íntima com a natureza tem sido deixada de lado com o passar do tempo e a morte dos anciãos; e, nestas perspectivas de reafirmação da identidade e verbalização desses conhecimentos, é que este trabalho foi realizado.

Dessa experiência, como resultados temos textos escritos e conduzindo projetos de etnoeducação e inspirando projetos futuros de temáticas variadas sobre saberes locais. O protagonismo também é a palavra-chave neste processo.

Em função disso, o trabalho realizado foi de extrema relevância, pois esse levantamento e registro pode ser utilizado nas escolas como forma de valorizar a cultura na tentativa de mudar o olhar da comunidade indígena, para que este tenha orgulho da nossa cultura própria e única.

Por fim, para os Terena, os saberes indígenas na escola indígena são como forma de resistência coletiva da comunidade, um exercício de descolonização com relação aos saberes a serem ensinados, contribuindo também pela formação dos professores indígenas.



## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Mamedes Genildo; BROSTOLIN, Marta Regina. O processo escolar dos Terena. Campo Grande - MS: UCDB, 2011.

ALMEIDA, Carolina Perine de. Os troncos, suas raízes e sementes: dinâmicas familiares, fluxos de pessoas e história em aldeias Terena. 2013. 193 f. Dissertação. (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília.

ALMEIDA, Fernando Augusto Azambuja de. A construção do processo escolar dos Terena da Aldeia Buriti. Campo Grande, 2012. 129p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, 2012

ALVES, Gerson Pinto. O protagonismo da Escola Polo Indígena Terena Alexina Rosa Figueredo, da Aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul, no processo de retomada do território da terra Indígena Buriti. Campo Grande. 2016. 115f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica Dom Bosco

AZANHA, Gilberto. As terras Indígenas do Mato Grosso do Sul - Relatório Técnico. Brasília, 2004

AZANHA, Gilberto. Relatório antropológico para a redefinição dos limites da Terra Indígena Buriti - Portaria 1.155/Pres./FUNAI. Brasília: s./ed., 2001.

- BENITES, Tonico. A ESCOLA NA ÓTICA DOS AVA KAIOWÁ: IMPACTOS E INTERPRETAÇÕES INDÍGENA, Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ, Museu Nacional, 2009.
- BHABHA, H. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BRAND, Antônio. Autonomia e globalização, temas fundamentais no debate sobre educação escolar indígena no contexto do Mercosul. In: Série Estudos, periódico do Mestrado em Educação da UCDB, n. 7, 1999, p. 7 20.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Centro Gráfico do Estado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental: Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília, 1998, p. 33
- Ministério da Educação. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.
- CANCLINI, Nestor Garcia. A globalização imaginada; tradução Sérgio Molina. São Paulo : Iluminuras, 2007.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação intercultural e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Urbanização e tribalismo: a integração dos índios Terena numa sociedade de classes. Rio de janeiro: Zahar, 1968.
- COSTA de OLIVEIRA, Evelyn Aline e Brostolin, Marta Regina. A EDUCAÇÃO DA RIANÇA TERENA: DA APRENDIZAGEM FAMILIAR A APRENDIZAGEM ESCOLAR, disponível em: <http://www.neppi.org/anais/Educa%E7%E3o%20b%E1sica/A%20EDUCA%C7%C3O%20D A%20CRIAN%C7A%20TERENA%20%20DA%20APRENDIZAGEM%20FAMILIAR%20 A%20APRENDIZAGEM%20ESCOLAR.pdf>, acesso em 08 de julho de 2012.

ELLIS, C., BOCHNER, A. P. *Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject*. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publication, 2000.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge; PEREIRA, Levi Marques. *Perícia antropológica e histórica da área reivindicada pelos Terena para a ampliação dos limites da Terra Indígena Buriti, municípios de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul, Brasil*. Autos nº 2001.60.00.003866-3, 3ª vara da 1ª subseção judiciária de Mato Grosso do Sul, 2003.

HALL, Stuart, (1997). *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. *Educação & Realidade*, v. 22, nº 2, jul./dez., p. 17-46.

KANT, Immanuel, (1996). *Sobre a pedagogia*. Piracicaba: UNIMEP. Tradução de Francisco Cock Fontanella.

KOCK, Klara Friederike; GODOI, Christiane Kleinübing; LENZI, Fernando César. *Discussão e prática da autoetnografia: um estudo sobre aprendizagem organizacional em uma situação de catástrofe*. *Revista Gestão Organizacional*. Vol. 5 - N. 1 - Jan./Jun. 2012

MANGOLIM, O. *Da escola que o branco faz à escola que o índio necessita e quer: uma educação indígena de qualidade*. Campo Grande: UCDB, 1999

MANGOLIM, Olívio. *Espaço e vida dos índios Terena da Aldeia Limão Verde*. Campo Grande: UCDB, set. 1997.

MATOS, K.G.; MONTE, L. *O estado da arte da formação de professores indígenas no Brasil*. IN: GRUPION, L.D.B. (Org). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: MEC/SEC/AD, 2006, p.69-114.

NUNES, Angela. *No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante*. In: LOPES DA SILVA, Aracy. MACEDO, A.V. L. Da Silva. NUNES, Angela (orgs.). *Crianças Indígenas – Ensaio Antropológicos*. São Paulo: Global Editora, 2002.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de & Levi Marques Pereira “DUAS NO PÉ E UMA NA BUNDA”: *DA PARTICIPAÇÃO TERENA NA GUERRA ENTRE O PARAGUAI E A TRÍPLICE ALIANÇA À LUTA PELA AMPLIAÇÃO DOS LIMITES DA TERRA INDÍGENA BURITI*, disponível em <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/JEoliveira-LMP.pdf>, acesso em 05 de julho de 2012.

PEREIRA, Levi Marques. Os Terena de Buriti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica. Dourados: UFGD, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, Lima(?), n. 13(29), p. 11-20, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Novos Rumos*, Marília, a. 17, n. 37, p. 4-28, 2002.

RAMIRES, Lidio Cavanha. Processo Próprio de Ensino-Aprendizagem Kaiowá e Guarani na Escola Municipal Indígena Nãdejara Pólo da Reserva Indígena Te'yikue: Saberes Kaiowá e Guarani, Territorialidade e Sustentabilidade. Campo Grande, 2016. 118 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SAID, Edward. Cultura e imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, B.de Souza. 2010

SANTOS, Sales Augusto dos. Movimentos negros, educação e ações afirmativas. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, jun. 2007.

SEIZER da Silva, Antônio Carlos. Educação escolar indígena na Aldeia Bananal: prática e utopia. Dissertação (Mestrado em educação). Campo Grande: UCDB, 2009.

SILVA, Maria da Penha da. A temática indígena no currículo escolar à luz da Lei 11.645/2008. *Cadernos de pesquisa*, São Luís, UFMA, v.17, n.2, p.39-47, maio-ago. 2010.

SILVA, Edson. Povos indígenas: história, culturas e o ensino a partir da lei 11.645. *Petrolina: Revista Historien*, v. 7, p. 39-49, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. 1988.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa.

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. A construção do território Terena (1870-1966): uma sociedade entre a imposição e a opção. 2003. 167 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

WALSH, Catherine. 2001, 2005, 2006, 2009.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, Estado, sociedade: luchas (de)coloniales de nuestra época. – Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2009.